



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO EM COMPOSIÇÕES *DAS MINAS*
RAPPERS DO DISTRITO FEDERAL**

GABRIELLA DOS SANTOS FERREIRA

Brasília
2015

GABRIELLA DOS SANTOS FERREIRA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO EM COMPOSIÇÕES *DAS MINAS*
RAPPERS DO DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresenta ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Sociologia.

Orientadora: Tânia Mara Campos de Almeida

Brasília

2015

A minha família e a todas as minas
firmeza do hip hop que seguem resistindo
e fazendo do movimento um estilo de
vida.

AGRADECIMENTOS

Ao bendito universo por todas suas conspirações que fazem da minha vida o que ela é.

Agradeço muitíssimo aos meus pais, Dores e Geraldo, por absolutamente tudo. Obrigada por me ensinarem a importância de ter caráter, o valor do trabalho árduo, o gosto pela leitura e o bom trato às pessoas por meio de seus exemplos de vida. Agradeço também a minha irmã Jéssica por sua amizade. Aos três agradeço infinitamente pela paciência, o apoio e o amor incondicional a mim dirigido.

A todas as experiências e oportunidades de aprendizado que tive ao longo da graduação. Às professoras Berlindes Astrid e Haydée Caruso que me deram oportunidades determinantes para minha trajetória acadêmica e por acreditarem em minhas capacidades.

A minha querida orientadora Tânia Mara(vilhosa) por todas as experiências e momentos compartilhados desde que nossos caminhos se cruzaram na disciplina de Técnicas de Pesquisa há um ano atrás. Obrigada por acreditar em minha pesquisa e em meu potencial.

Agradeço imensamente a todos(as) os(as) funcionários(as) do Instituto de Ciências Sociais. Mais precisamente ao Leo, Paula, Patrícia, Renata, Luciana, Michelle e Márcia que acompanharam toda minha trajetória na graduação sempre ajudando e me salvando ao longo destes cinco anos. Não conseguirei lembrar o nome de todos(as) os(as) outros(as) que ajudaram então agradeço às equipes que trabalham na copa, na limpeza, na biblioteca e em todas as outras funções e setores que proporcionam aos(as) estudantes a oportunidade de estudar com qualidade.

Às amigas Isabel, Mayara e Gabriela Costa que ingressaram comigo na instituição e que estão na mesma luta que eu para concluir a graduação. Mesmo a distância, torcem mutuamente pelo meu sucesso.

Às amigas e colegas de trabalho Petra e Luanne por terem acompanhado meus desabafos e inseguranças durante a realização desse trabalho. Sou grata pelos bons conselhos e pelo suporte psicoemocional.

Ao amigo Túlio por sua dedicação e aleatoriedade em momentos tão necessários! Sem você, a finalização deste trabalho seria mais difícil e, com toda certeza, mais trabalhosa.

Não posso deixar de agradecer pessoas que me ajudaram direta ou indiretamente quando pesquisar as minas do rap não passava de um sonho ambicioso: minha prima Fernanda Gomes e seu marido Hilton Gomes, as B-Girls Sílvia Duarte e Fernanda Teuber, a produtora Dricka Lara e as rappers Karol Conká e Nine Simone.

Agradecimento especial à rapper Vera Verônica por ser modelo de mulher que mostra como é possível se manter fiel à essência e aos valores do movimento. Obrigada por viver na prática o legado do hip hop. Você é inspiradora.

Infelizmente não será possível agradecer pontualmente a todas as pessoas — que foram muitas — que, de alguma forma, possibilitaram a realização deste trabalho por meio de indicações de leitura, indicações de músicas e por meio de tantas outras ações como o simples ato de me dirigir palavras de otimismo e encorajamento. A estas deixo minha mais sincera gratidão.

RESUMO

Recentemente a sociologia de gênero começou a desenvolver estudos sobre a presença de mulheres no hip hop e as interpretações e diferenciações de gênero presentes em seu interior. Esses estudos ainda são poucos e a bibliografia sobre o assunto é limitada por se tratar de um assunto novo na área. O objetivo deste trabalho de conclusão de curso consiste em analisar possíveis diferenciações e representações de gênero no discurso de mulheres rappers do Distrito Federal. A pesquisa consistiu na análise de letras de músicas escritas por cantoras de rap e trouxe um breve estudo de caso de uma rapper pioneira no cenário brasileiro, Vera Verônica. Espera-se deste estudo que a análise mais profunda e atenta das músicas dessas mulheres possa explicar melhor e deixar mais nítidas as representações sociais de gênero presentes no movimento hip hop. Os resultados permitiriam a compreensão de como essas mulheres se veem e como são vistas por pessoas internas e externas ao contexto do hip hop, tanto de modo estereotipado da ordem patriarcal como com algumas possibilidades de alteração à ordem sexista vigente.

Palavras-chave: Mulheres rappers; Gênero; Representações sociais; Hip hop; rap.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	UMA (NÃO TÃO) BREVE IMERSÃO NO HIP HOP	11
2.1	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O RAP.....	11
2.2	CONTEXTUALIZAÇÃO	12
2.3	O HIP HOP EM BRASÍLIA	16
2.4	COMO AS MULHERES SÃO CANTADAS	17
2.5	O QUE AS MULHERES COMPÕEM E CANTAM	25
3	AUMENTA O SOM DAS MINAS!	27
3.1	ATITUDE FEMININA	31
3.2	FLORA MATOS	42
3.3	BELLADONA	49
3.4	MC LANA ARLEQUINA	55
4	O RAP É COMPROMISSO!	65
4.1	UMA LIGEIRA BIOGRAFIA	67
4.2	OS CAMINHOS SE CRUZAM: VERÔNICA CONHECE O RAP	70
4.3	A RESISTÊNCIA DA GUERREIRA	73
4.4	PROFISSÃO RAPPER	74
4.5	O RAP, O ATIVISMO E AS MULHERES	75
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	80

1 INTRODUÇÃO

Início este texto expondo minhas razões para pesquisar as mulheres rappers. Como fã do movimento hip hop e ouvinte assídua de rap, passei a encará-lo como campo de estudo muito rico, quando consegui desenvolver lógicas e raciocínios iniciais dentro do “pensar sociológico”. Afinal, trata-se de um movimento musical jovem, que diz respeito diretamente ao ambiente sociocultural que muitas/os estudantes universitários hoje se inserem nas grandes cidades brasileiras, em particular no Distrito Federal. Além disso, esse movimento oferece múltiplas possibilidades para a realização de pesquisas devido a sua complexidade e ao seu contexto histórico e social, características que serão desenvolvidas ao longo deste estudo.

Já, em meu primeiro ano de graduação, senti-me inclinada a pesquisar esse ambiente, que, às vezes, aparece inserido na nomenclatura “cultura urbana”. Mais especificamente, as mulheres que o seguem chamaram minha atenção por dois motivos principais: 1) ao ouvir letras de autoria feminina, enxergava riqueza de detalhes de realidades sociais muito diversas entre si; 2) ao frequentar festas e ambientes do hip hop como mera observadora, reparei na diferença quantitativa de homens e mulheres como seus protagonistas e, logo, não pude deixar de problematizar isso como uma cientista social em constante (trans)formação.

No começo, o rap, assim como outras áreas artísticas, era um espaço masculino. Nele, as mulheres eram apenas acompanhantes de namorados e maridos. Elas não participavam ativamente de apresentações como cantoras ou compositoras. Essas figuras femininas só começaram a atuar significativamente nas quatro vertentes do hip hop¹ (como b-girls, rappers, DJs e grafiteiras) a partir da década de 1990. Antes disso, não há muitos relatos de mulheres que fossem ativas no movimento hip hop e as que eram se tornavam objeto de estereótipos negativos por parte de pessoas internas e externas ao contexto hip hop².

¹O hip hop é um movimento de expressão composto por: Break, DJ, MC e Grafite. Todos são relacionados a diferentes formas artísticas como a música (DJ e MC), a dança (Break) e as artes visuais (Grafite).

² Conheço a história pelo relato da rapper Vera Verônica, atuante no movimento desde 93. Essa é conhecida como a única rapper que começou na década de 90 e seguiu carreira. Verônica conta que suas contemporâneas largaram o movimento por dificuldades em conciliar estudo, trabalho e família. Algumas dessas mulheres participavam do movimento e conheceram cônjuges em festas do mesmo e após o relacionamento estabelecido de forma mais estável, eram proibidas pelos namorados de continuar carreira.

O objetivo do presente trabalho consiste em analisar possíveis diferenciações e representações de gênero no discurso de mulheres *rappers*, que são, na sua maioria, mulheres negras. A pesquisa fundamentou-se na análise de letras de músicas escritas por cantoras de rap do Distrito Federal e na análise de uma entrevista semiestruturada com a *rapper* candanga, Vera Verônica, buscando diferenças e similaridades na trajetória de vida dessas artistas. Este estudo fundamentou-se na realização de análise mais profunda e atenta das músicas dessas mulheres, buscando identificar estigmas de gênero no movimento e, ainda, identificar os conteúdos nelas presentes. Os resultados permitiram a compreensão de como essas mulheres compreendem a si mesmas, como interpretam o seu mundo cotidiano e como se percebem em relação aos olhares de pessoas internas e externas ao contexto do *hip hop*.

Atualmente, existem várias mulheres cantando rap e propagando suas próprias composições. As de maior fama e destaque vivem principalmente em São Paulo, mas também têm grande visibilidade em cidades como Curitiba, Rio de Janeiro e no Distrito Federal³. Podem ser citadas, como exemplo, as seguintes *rappers*: Lourdes da Luz, Negra Gizza, Flora Matos, Karol Conká, Nathy MC, Kamila CDD, Karol de Souza, Aninha (do grupo atitude feminina), Hellen (do grupo atitude feminina) e Yzalú.

Pesquisar a presença feminina no hip hop pode contribuir com o entendimento a respeito de como essas mulheres, bem como os colegas e as famílias destas e outras pessoas da sociedade compreendem as diferenças de gênero, levantando novos elementos para o entendimento das relações de gênero em grupos específicos. Estes, tradicionalmente, constituem espaços sociais em que apenas um dos gêneros encontra-se presente e de modo dominante.

O hip hop é considerado como um instrumento para aumentar as oportunidades das camadas pobres urbanas e mudar a vida de pessoas que estejam em situação de baixa qualificação profissional, baixa escolaridade e precariedade de inserção social. Nas periferias de grandes centros urbanos, o movimento tem muitos/as adeptos/as, os/as quais nele enxergam a oportunidade de

³ Informação adquirida por meio de pesquisas na *internet* sobre a vida dessas mulheres. Algumas têm sites pessoais com pequenas biografias e outras dão muitas entrevistas e respondem perguntas recorrentes contando sobre sua trajetória de vida.

uma vida melhor⁴ e uma forma de se manter longe de problemas como criminalidade, prostituição e dependência de drogas e entorpecentes⁵.

Com base nesse contexto, o presente estudo visou apreender se, para as mulheres, o hip hop também pode ser uma ferramenta na luta contra preconceitos de gênero e raça, bem como se pode atuar no resgate de mulheres que estejam em situação próxima ao crime, às drogas e à prostituição. Desse modo, tem-se possibilidade de intensificar reflexões em uma área da sociologia que é pouco explorada, ou seja, a sociologia de gênero voltada para jovens em culturas urbanas e meios artísticos, como é o caso de estudos com mulheres no movimento hip hop no país⁶. Enfim, a pesquisa proposta neste trabalho de conclusão de curso buscou fornecer subsídios para a melhor compreensão das relações sociais de jovens dentro da cultura hip hop, das diferenciações de gênero dentro do próprio movimento e fora dele, bem como nos meios sociais em que é uma expressão artística e de lazer relevante.

O primeiro capítulo conta a história do hip hop, de seu surgimento nos Estados Unidos da América e de sua expansão para o Brasil, e sua eminente relevância política, social e cultural. Traz, ainda, letras de rap compostas por homens para a análise de representações sociais utilizadas por figuras masculinas.

O capítulo seguinte, o de número dois, expõe a história de alguns grupos e rappers femininas do Distrito Federal e composições autorais que oferecem uma ampla visão das representações sociais de mulheres difundidas nessas músicas. Buscou-se a seleção desses a partir da diversidade de rappers, estilos musicais e temática das letras.

O capítulo três explora a trajetória de vida e profissional da conhecida rapper brasileira, Vera Verônica. O intuito dessa parte é analisar o que uma mulher, que

⁴ O pesquisador Breitner Luiz Tavares (2009) em sua tese de doutorado expõe esse ponto de vista por parte de homens do hip hop que já haviam se envolvido com criminalidade antes. O rap surge como forma de regeneração, uma forma de “não se meter em problemas” e ter a oportunidade de uma vida melhor. Esse ponto de vista está presente em trabalhos de outros pesquisadores e será desenvolvido no Capítulo 1. Ver referências bibliográficas.

⁵ Essas informações foram recolhidas de modo informal com pessoas do movimento hip hop ou que já tiveram problemas com criminalidade, prostituição e dependência de químicos e largaram tudo pelo movimento ou que nunca se envolveram em situações desse tipo por sempre fazerem parte do movimento e “evitarem problemas”.

⁶ Weller faz uma reflexão sobre as mulheres em movimentos culturais/políticos juvenis e sobre a invisibilidade das culturas juvenis nos estudos feministas. De um lado, nos estudos de (sub)culturas juvenis, as mulheres só são referenciadas quando tratam da afetividade e sexualidade nas galeras e/ou gangues e da gravidez na adolescência. Por outro lado, nos estudos feministas, pouco pesquisam sobre a importância de (sub)culturas juvenis na formação identitária e na transição da adolescência para a vida adulta de jovens mulheres.

faz parte da história do rap brasileiro, tem a dizer sobre as mulheres no movimento. Sua visão ampla, de quem acompanhou os diferentes momentos do hip hop no Distrito Federal, joga luz no entendimento da dinâmica entre gêneros nesse espaço artístico.

Por fim, as considerações finais deste trabalho de conclusão de curso mostram que a presença de mulheres no hip hop, particularmente circunscrito ao DF, é ainda pouco reconhecida por pessoas internas e externas ao movimento. Ser letrista e/ou cantora de rap é uma luta diária por respeito e reconhecimento. Na verdade, essas vivências e representações sociais de gênero, escritas nas letras das músicas, também estão presentes fora do contexto hip hop, na sociedade mais ampla, em diversas instituições e âmbitos sociais.

Assim, o hip hop, embora formado por jovens, se mostrou bastante conservador. Apresentou-se como um segmento sexista, onde existem certos estereótipos negativos associados às mulheres e as mantêm como objetos determinados pelos homens. Contudo, de modo concomitante, o hip hop se mostrou com potencial à mudança, sendo uma boa opção para mulheres, originadas em camadas pobres da sociedade, para obterem melhores condições de vida e expressarem suas lutas por transformação. Enfim, os dados e suas análises mostram planos e realidades que se sobrepõem e se interconectam, em um jogo que alterna reprodução da ordem machista com certo avanço de alternativas para mudanças nas relações entre os gêneros.

2 UMA (NÃO TÃO) BREVE IMERSÃO NO HIP HOP

2.1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O RAP

O trabalho baseia-se nas representações sociais desenvolvidas por Moscovici para análises de como as noções do que é "ser mulher" presentes no imaginário social da cultura hip hop estão sendo reproduzidos ou mudados pelas mulheres do movimento.

De acordo com Moscovici (1978): "Uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime [...] é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos". Está diretamente conectado ao condicionamento de práticas, a interação entre indivíduos e a processos identitários.

Há um trecho do artigo de Spink(1993, 306) que contribuiu para a compreensão dos estudos sobre as representações sociais:

"as representações são elaboradas a partir de um campo socialmente estruturado e são frutos de um imprinting⁷ social. Mas, como aponta Morin (1983), há zonas fracas neste imprinting que permitem com que haja movimento, mudança, abertura à novidade, novas formas de ancorar fatos pouco familiares. Ou seja, parece lícito afirmar que, se de um lado buscamos os elementos mais estáveis, aqueles que permitem a emergência de identidades compartilhadas, de outro trabalhamos com o que há de diferente, diverso e contraditório no fluxo do discurso social."

As representações sociais criam referências de como devem ser os comportamentos de pessoas de determinado grupo ou sociedade. Essas referências presentes no imaginário social são passíveis de mudanças por meio de dois processos iniciais: a ancoragem e a objetivação.

Respectivamente, Spink(1993, 306) define esses dois processos onde: o primeiro "refere-se à inserção orgânica do que é estranho no pensamento já constituído. Ou seja, ancoramos o desconhecido em representações já existentes." e o segundo "é essencialmente uma operação formadora de imagens, o processo através do qual noções abstratas são transformadas em algo concreto, quase tangível, tornando-se 'tão vívidos que seu conteúdo interno assume o caráter de uma realidade externa' (Moscovici, 1988)."

Relacionando esse raciocínio com o objeto deste estudo, pode-se compreender como os papéis e representações sociais de gênero no imaginário

⁷ Pode-se substituir imprinting por imaginário sem prejuízo semântico no trecho.

social da cultura hip hop são alterados, de forma lenta e gradual, por mulheres participantes do movimento que apresentam diferentes e novas representações e papéis associados a figura de mulher já existentes. As representações sociais possuem funcionalidade crucial na criação e na manutenção de determinada ordem social (SPINK, 1993).

No caso das rappers, ao apresentar novas imagens de mulheres que fogem aos padrões previamente estabelecidos e esperados suas canções tornam-se agentes de mudança. Pois inicialmente tornam algo desconhecido e distante (por vezes considerado como errado, desviante e perigoso) em algo familiar no imaginário social dos seguidores do hip hop e finalmente essas novas imagens tornam-se realidade possíveis e concretas dentro do grupo.

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO

O hip hop é um movimento cultural iniciado no final da década de 1960 e criado por jovens negros de bairros excluídos de grandes cidades nos Estados Unidos e na Inglaterra⁸. Há discordância quanto ao local de origem do hip hop. Alguns consideram que o estilo surgiu em Kingston, na Jamaica⁹, com os Sound Systems¹⁰ e o próprio rap¹¹. Usualmente, considera-se que o hip hop nasceu em Nova Iorque, mais especificamente no Bronx – bairro pobre com altos índices criminais e taxas de desemprego e sem infraestrutura e educação para crianças e adolescentes. Era alta a quantidade de gangues que disputavam poder de forma violenta. Com o desenvolvimento do hip hop, muitas gangues foram dissolvidas e tornaram-se grupos envolvidos com o movimento, como dançarinos de break, cantores de rap, grafiteiros e DJ's (Disc Jockey).

⁸ Um dos defensores da origem do Hip Hop como sendo nos EUA é Breitner Tavares. Ler “Geração Hip Hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal”. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200008>. Acesso em: 01 jul. 2015.

⁹ Luiz Geremias baseia-se em Eloisa Devese (1998, p.28) para defender a Jamaica como o berço do hip hop. Ler mais sobre o assunto no capítulo 1 de seu trabalho “A Fúria Negra Resuscita: As Raízes Subjetivas do Hip Hop”. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/geremias-luiz-furia-negra-ressuscita.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

¹⁰ Sound Systems são um conjunto de aparelhos de som com grande capacidade sonora utilizados para a realização de festas e outras atividades.

¹¹ Rap significa “Rhythm and Poetry”, em tradução literal Ritmo e Poesia, e é a habilidade de expressar de forma ritmada composições poéticas.

Esse movimento é composto por quatro diferentes expressões artísticas: o break, o rap, o grafite e a discotecagem. O hip hop tem visibilidade por ser mais voltado para grupos excluídos de centros urbanos como imigrantes, mulheres, negros, entre outros. Trata-se de movimento caracteristicamente politizado com posicionamento crítico diante dos problemas sociais enfrentados por seus/suas seguidores/as.

Duas personalidades são reconhecidas como precursoras do movimento: Dj Kool Herc e Afrika Bambaataa¹². O primeiro migrou da Jamaica para o Bronx de Nova Iorque quando tinha 12 anos, em 1967. Clive Campbell, nome de batismo de Kool Herc, trouxe consigo o conhecimento de Sound Systems tão comuns nas ruas de Kingston e criou seu próprio sistema de som para discotecar em “block parties”¹³. Kool Herc foi responsável por inovações na discotecagem e um dos primeiros MC’s¹⁴ quando passou a cantar versos acompanhando partes instrumentais de músicas durante os bailes de rua que realizava.

Afrika Bambaataa, considerado o inventor do termo Hip Hop¹⁵, ganhou grande visibilidade na indústria musical após lançar discos com grande vendagem. Foi um dos primeiros artistas do hip hop a lançar discos. Seu primeiro álbum, “Planet Rock: The Album”, foi lançado em 1986. Inventou e inovou como Dj utilizando a “drum machine”, um instrumento eletrônico que possibilitava a criação de bases musicais originais, entre vários outros aparelhos. Propôs ainda que os conflitos entre as gangues do Bronx fossem resolvidas por meio de competições de break. Fez a trilha sonora para o filme “Beat Street” de 1984, que conta a história do hip hop e mostra a disputa de duas gangues nova iorquinas a partir de duelos de break. De forma perspicaz, logo identificou a necessidade dos adeptos e simpatizantes do movimento

¹² Ler mais sobre a importância dessas personalidades em “História da cultura do Hip-Hop. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/historia-da-cultura-hip-hop>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

¹³ Festas realizadas em prédios abandonados do Bronx como retratado no filme Beat Street de 1984. Adiante falaremos sobre a importância de filmes como esse para a difusão do estilo hip hop no Brasil. O hip hop é tratado como uma “Cultura de Rua” justamente por seu caráter histórico de ter surgido e ocupado às ruas por meio de festas e disputas de break.

¹⁴ Pessoas que cantam rap são conhecidas como Rappers ou MC’s (Master of Ceremony ou Mestre de Cerimônias) pessoas que falavam coisas corriqueiras durante as festas de rua com intuito de divertir ou informar as pessoas presentes no evento).

¹⁵ Afrika Bambaataa também era dançarino de break e criou o termo Hip Hop a partir da junção de palavras ditas durante as músicas para expressar a ideia de usar o quadril (hip) para pular/dançar (hop). Informação extraída de uma citação utilizada por Geremias em sua monografia. Busquei pelo texto original de autoria de João Carvalho na internet, mas o link não foi encontrado. Provável que o site que continha o texto tenha sido excluído.

se organizarem e encontrarem meios eficientes para disseminar os valores do hip hop, fundando a Zulu Nation¹⁶.

Desde seu início, o movimento incorporou fortes valores políticos ao estilo de vida hip hop. O estilo musical hip hop não é apenas um gosto musical, para seus participantes ser do movimento é incorporar para sua vida os princípios de como agir com base em seus princípios, os quais defendem a paz, união, dignidade, resistência, busca por conhecimento, entre outros que seriam resumidos pela expressão “atitude hip hop”¹⁷. Essa atitude hip hop também incorpora gestos corporais, formas de vestir, falar, pensar e andar.

Algo recorrente nos textos acadêmicos¹⁸ sobre o hip hop trazem a importância da luta pelos direitos civis norte-americanos. Essa luta da população negra dos Estados Unidos ganhou muita força durante a década de 1960. Seus ideais reverberaram e continuam reverberando de diversas formas na vida de diversas pessoas que lutam contra opressões de diferentes naturezas.

Líderes e grupos como Malcom X, Martin Luther King, Angela Davis, Eldridge Cleaver, o Black Panthers (os Panteras Negras) e o Black Liberation Army (se traduzido, seria algo como “O Exército pela Liberação Negra”) tiveram grande influência nos participantes do hip hop que defendiam e defendem a importância da valorização da população negra, entendendo que essa parcela da população possui demandas específicas e vive em circunstâncias muito peculiares de desfavorecimento, justamente pelo processo histórico de escravidão ao qual foi submetida e as desigualdades e discriminações socioeconômicas que se seguiram à escravidão.

Resumindo significativamente os ideais desses líderes e grupos, identifica-se três pontos principais, que devem ser destacados e que foram incorporados pelo hip

¹⁶ Ver site oficial da ONG que mantém suas atividades comunitárias voltadas para a população carente até hoje. Disponível em: <<http://www.zulunation.com/>> Acesso em: 01 jul. 2015.

¹⁷ Raciocínio bem desenvolvido por Geremias (2006) em sua monografia. Outros pesquisadores como Tavares (2009) e Santos (2011) abordam a importância dessa postura corporal para os participantes do movimento. A incorporação dessa expressão corporal acaba trazendo questões de gênero para o hip hop, uma vez que essa postura demanda agressividade, combatividade e até mesmo características violentas na realização de atividades das quatro vertentes do hip hop. Muitas mulheres são discriminadas por não conseguirem se adequar a essa forma corporal de se expressar, não são “levadas a sério” por seus pares do sexo masculino. Algumas incorporam tão bem essa postura que são vistas e tratadas como masculinizadas, “mulheres macho”. Essa discussão será desenvolvida no capítulo dois.

¹⁸ Luiz Geremias, Spensy Pimentel, Elaine Andrade, Tricia Rose, Hermano Viana, pesquisadores que, em seus estudos, direta ou indiretamente abordam a relevância da luta pelos direitos civis no imaginário político do hip hop. Não é de fácil acesso textos integrais de alguns desses acadêmicos. Por isto, apenas citações feitas por outros estudiosos a eles são mencionadas no presente estudo.

hop norte-americano e posteriormente pelo brasileiro: 1) a valorização da população negra; 2) a necessidade e urgência da população negra se munir principalmente de conhecimento para resistir e tentar mudar as injustiças sofridas; 3) a necessidade da população negra se organizar em grupos coesos para a manutenção de suas comunidades com ações comunitárias que oferecessem oportunidades de empoderamento para seus membros.

A pesquisa de Elaine Andrade, da USP, citada por Spensy Pimentel (1997: 4) diz o seguinte sobre a relação entre os Panteras Negras e os hip-hoppers¹⁹:

A Organização Black Panthers exercia forte influência entre os jovens, indicando-lhes a necessidade da organização grupal, da dedicação aos estudos e do conhecimento das leis jurídicas. Boa parte destes valores foram resgatados pelos membros do Hip-Hop, principalmente no Brasil, para combater os abusos de poder exercido pela instituição policial contra os negros.²⁰

No Brasil, o hip hop surge após a disseminação de outros estilos musicais norte-americanos daquela população negra. Na década de 1970, o estilo Funky ganha muitos adeptos no Rio de Janeiro e, posteriormente, em São Paulo (GEREMIAS, 2006). Esse estilo musical preparou terreno para o Miami Bass, um estilo musical inteiramente dançante sem letras musicais. Concomitante a chegada desse novo ritmo, registrou-se a chegada de filmes como *Wild Style* (1983), *Break Beat* (1984) e *Breakin'* (1984) aos cinemas brasileiros. Esses fatores propiciaram a insurgência do break no cenário das grandes capitais brasileiras.

O movimento ficou caracterizado por trazer e estimular a consciência política dos jovens que passaram a transformar a energia negativa, dirigida à formação de gangues, em manifestações criativas de arte que os permitiam administrar crises, conflitos e dilemas de seu cotidiano (GEREMIAS, 2006). Os jovens negros do sexo masculino são ainda hoje os mais suscetíveis a se envolverem com o crime (RAMOS; MUSSUMECI, 2005) e são também os mais envolvidos com homicídios, sejam eles vítimas ou autores dos crimes (TAVARES DOS SANTOS, 2007). O hip hop, tanto no Brasil como nos EUA, foi e ainda é uma alternativa real para jovens de

¹⁹ Hip-hoppers denominação para os participantes do movimento hip hop.

²⁰ Ver filme *Panther* de 1995 do diretor Mario Van Peebles que aborda o surgimento do grupo e também suas estratégias de resistência e organização comunitária. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sKuyDdoo3NI>> Acesso em: 01 jul. 2015.

periferia darem novos significados às suas realidades e criarem novas formas de se posicionarem no mundo (TAVARES, 2010)²¹.

2.3 O HIP HOP EM BRASÍLIA²²

Durante os anos 1980, o hip hop propriamente dito é disseminado por diversas capitais brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Esta última tinha características particulares favoráveis a se tornar referência no cenário nacional e internacional do hip hop brasileiro. Tavares expõe essas circunstâncias:

Contudo, Brasília, devido às suas especificidades de capital federal, bem como presença massiva de embaixadas, propiciou um intercâmbio entre jovens de uma classe média alta com acesso a viagens internacionais, ao consumo de discos, videoclipes e tecnologias de produção musical que inexistiam no país até aquele momento. O consumo de discos de funk e rap por jovens da classe média brasiliense trouxe os primeiros materiais para suprir as rádios. Filhos de artistas ou servidores públicos, esses jovens estavam mais próximos das inovações tecnológicas e estéticas já no início dos anos 1980. (TAVARES, 2010)

Até os anos 1980, as opções de lazer e a produção cultural do Distrito Federal concentravam-se no Plano Piloto. Com o surgimento de programas de rádio voltados para os ritmos funk e rap, as atividades de lazer da juventude das regiões administrativas receberam certa visibilidade. Essas rádios promoviam eventos envolvendo o estilo hip hop, como festas e concursos de gravações de mixagens. Os primeiros eventos de break e rap aconteciam em bairros nobres, como o Lago

²¹ Sobre essa mesma visão conforme Abramovay (1999, p.136-137): “Esses grupos [de hip hop], portanto, aparecem como uma alternativa às gangues, uma nova forma de rebelião, nos quais se reúnem em galeras que não possuem a organização própria das gangues. Ao contrário, podem servir como uma opção efetiva para o jovem situar-se no espaço público, no debate sobre a sociedade, e conferem um caráter de visibilidade às aspirações dos diferentes grupos que englobam. [...] Também os rappers exibem uma nova linguagem, uma identidade e uma filosofia de vida, um estado de espírito, uma história, uma memória. Todavia, diferentemente dos punks, apresentam uma crítica social mais elaborada e focalizada e expressam o sentimento de pertencer à sociedade, de participar de reivindicar direitos”. Há esforço para a construção de uma identidade coletiva por meio da crítica social.

²² Ver autobiografia do Dj Raffa, com ampla trajetória do hip hop no DF. Disponível em: <http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/upload/project_reading/0_Trajectoria_Guerreiro-Miolo.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Sul, e eram momentos de confraternização em que jovens de diferentes cidades se encontravam e criavam novos grupos de dança ou de rap.

A partir da década de 1990, o rap passa a ser crítico e politizado. Antes, o rap brasileiro era lúdico e tratava de assuntos cotidianos de uma forma cômica. Inicialmente, o hip hop brasileiro era um fenômeno da classe média, mesmo com a maioria de seu público residindo nas regiões administrativas mais periféricas. (TAVARES, 2010)

O hip hop foi motivo de socialização entre jovens de diferentes camadas sociais. Os jovens do Plano Piloto, que tinham interesse em rap e break, passaram a frequentar as festas realizadas nas regiões administrativas distantes. Com o passar do tempo, essas localidades tornaram-se polos representativos do hip hop. Pode-se citar aqui personalidades e grupos pioneiros²³, como Câmbio Negro, DF Zulu Breakers, Reforços, DJ Raffa, DJ Chokolaty, Gog e Vera Verônica.

2.4 COMO AS MULHERES SÃO CANTADAS

Grosso modo, o rap brasileiro pode ser dividido em três principais estilos: 1) o rap consciente, em que as letras fazem crítica aos problemas sociais da sociedade e estimulam as pessoas a buscarem conhecimento para lutar contra as injustiças sociais; 2) o rap gospel²⁴, em que as músicas têm temática religiosa; e 3) o rap gangster²⁵, que retrata aspectos de vida de pessoas envolvidas com a criminalidade.

É necessário diferenciar os estilos de rap para compreender a forma como as mulheres são retratadas em suas letras. O dito rap consciente destaca as mulheres

²³ Ler: LASNEAUX, Carina; SATÃO, Gilmar. Hip Hop: Histórias da Capital. 2012. 60 p. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado) – Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Universidade Católica de Brasília, Brasília. Sobre o rap e seu surgimento na Ceilândia existe o documentário “Rap o canto de Ceilândia” dirigido por Adirlei Queiroz.

²⁴ No rap gospel, usualmente as letras contam trajetórias de vida de pessoas que já foram envolvidas com atividades criminosas e se redimiram a partir da religião. É como se essas pessoas tivessem encontrado o caminho certo na vida só após tornarem-se tementes a Deus. Não raro, o rap gospel lida com categorias como fé, perdão, redenção.

²⁵ L. Geremias desenvolve essa vertente do rap: “O rap tem um ‘braço armado’, o ‘gangsta’ [...] que faz uso de um discurso agressivo para mediar não apenas o conhecimento das condições que levam um jovem a optar pela vida criminosa, mas, essencialmente, o reconhecimento desses jovens cada vez mais numerosos, que habitualmente são discursados pelo aparato jurídico-policial mas que, com o rap, ‘passam de objetos a sujeitos do discurso’. O crime não é enfatizado e elogiado, como nos ‘proibidões’ do funk carioca, é resignificado como uma opção geralmente desesperada: ainda que marcada pelo sofrimento e inevitável fracasso (nas palavras dos próprios rappers), é aceito como uma opção.” (GEREMIAS, 2006, p. 107).

como sofredoras em decorrência de diversas opressões e como pessoas fortes que resistem às lutas diárias. O rap gangster é caracterizado pela objetificação e depreciação das mulheres, que são vistas como interesseiras em vantagens econômicas e prestigiosas frente à comunidade. O rap gospel quase não menciona mulheres e, quando o faz, as coloca em posição de esposa e mãe, que se mostra decepcionada pela vida criminoso de seu marido ou filho. Há ainda no rap de forma geral, a representação da mulher que é mãe. Essa é sempre colocada em um pedestal, tratada como uma santa. A mãe é uma figura idealizada, que está no centro do mundo. O pai não existe e, muitas vezes, é renegado por ter abandonado a mãe e os filhos (GEREMIAS; 2006).

De modo genérico, as letras de rap representam relações entre homens e mulheres que são permeadas por tensões, conflitos e desigualdades sociais já existentes em nossa sociedade (SANTOS, 2011). Há misoginia nas composições que criam uma estratificação, dividindo as mulheres de “caráter” e as “mulheres vulgares” (TAVARES, 2012). As composições acabam expondo hierarquias e relações de poder que têm origem na estrutura de gênero, como TAVARES (2012, p. 90) afirma: “Todos os trechos, de apelo sexista, naturalizam a condição da mulher submetida a uma relação de *status* centrada no homem.”

A exclusão da mulher e as relações de poder existentes entre homens e mulheres são tratadas como assunto sem muita relevância no contexto das periferias (SANTOS, 2011). Aqui se tem uma contradição²⁶. As mulheres periféricas são personagens principais de grande importância em suas comunidades, pois criam seus filhos sozinhas ou com ajuda de suas próprias mães, são a renda principal da família, realizam as tarefas domésticas, assumem triplas jornadas de trabalho... E são também as mais invisibilizadas e inferiorizadas: sofrendo violência doméstica e violências sexuais, em subempregos exaustivos, sendo cobradas recorrentemente na criação moral de seus filhos e realizando tarefas domésticas enquanto seus maridos e filhos aproveitam momentos de lazer em bares ou em quadras esportivas.

Em outras palavras, as mulheres periféricas permitem que a vida nas periferias tenha certa ordem e seja “menos dura”. No entanto, não recebem o

²⁶ Contradição exposta tanto nos estudos já citados de Tavares (2012) quanto de Santos (2011).

reconhecimento pelas funções exercidas e por sua importância em si, ficando apenas com ônus dessa posição social.

A música “Dela eu sou fã”, dos Pacificadores, retrata uma mulher que é “mulher de malandro” e está na classificação do que seria uma mulher vulgar. O grupo “Pacificadores” é da Região Administrativa de Samambaia ²⁷ e tem várias músicas representativas do estilo gangster²⁸. A letra abaixo é composta integralmente por homens e representa um amor não correspondido, em que a mulher não tem capacidade de amar.

Dela eu sou fã-Pacificadores²⁹

Ela cola com os cara banda e esqueceu o que é amor
Rodada na ChoLa Muda, ela é banda vuô
Dela eu sou fã
Ela é banda, mas dela eu sou fã
É dia e noite no frevo

Dela eu sou fã, mas ela é fã do cara errado
Malvado que tem um carro bem louco
Tem vários quilos mocados
Que nunca a tratou bem, só a tratou como puta
Que só quer ela no quarto na posição cama sutra
Ela nunca olhou pra mim, ela nunca deu estia
Não sei porque que eu sou fã, daquela vadia
Na chola Muda ela cola, pra fumar é pra cheirar
Coração de vagabunda, bate em todo lugar

Quando a noite vira noite, a mina topa tudo
Cocaína, rupinol, fim da noite com os vagabundos
Trabalhador ela não quer, só recebe fim do mês
Moleque banda tem dinheiro pra bancar toda vez
Que ela quer beber, que ela quer cheirar
Que ela quer um motel chique pra fingir que quer gozar,
O que ela quer comigo, não tenho um Stilo amarelo
Nunca nem pensei em comprar uma três, oito, zero
Ela “que” uma cara mau, que já puxou cadeia
Que vai matar pra ela um dia quem ela odeia
Dela eu sou fã, mas eu sou certo
O cara errado é bom pra ela
Come e fala mal, não chupa bem essa cadela

²⁷ Uma das regiões administrativas do Distrito Federal (DF). Localizada perto de Taguatinga, outra região administrativa de forte expressão no cenário Hip Hop do DF.

²⁸ Gangster = gangsta.

²⁹ Música disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7VRhN5ezSik>>. Acesso em 01 jun. 2015.

Ela cola com os cara banda e esqueceu o que é amor
 Rodada na Cho La Muda, ela é banda vuô
 Dela eu sou fã
 Ela é banda, mas dela eu sou fã
 É dia e noite no frevo

Essa representação é usual no rap gangster, em que o sucesso de um cara com o público feminino vai variar de acordo com seu acesso a dinheiro, drogas e festas. Na letra acima, há um eu lírico que é “homem certo” e “trabalhador” e é “fã”, ou seja, tem interesses amorosos por uma mulher “banda”³⁰. Seus anseios não são correspondidos, pois a mulher em questão está interessada no traficante da área. Nesse contexto, demonstra a sua revolta e raiva por não ter chances com essa mulher que “quer um cara mau, que já puxou cadeia, que vai matar pra ela um dia quem ela odeia” e que “é fã do cara errado, malvado”. Sua raiva é expressa com adjetivos que desqualificam a mulher a partir do sexo como “vadia”, “vagabunda” e “cadela”.

O MC Aborígene retrata, em “Teresas”, a vivência de uma mulher que está em situação de violência doméstica e que, depois de muito sofrimento, consegue se libertar de seu opressor e companheiro. Esse artista, também de Samambaia, é representante do rap consciente. A letra foi composta em parceria com sua esposa³¹ e conta a trajetória de uma mulher que inicialmente tinha sentimentos de amor correspondidos por seu companheiro. Depois de anos, “Teresa” decepciona-se com seu marido, que não corresponde às suas expectativas iniciais no relacionamento e passa a agredi-la de diferentes formas. “Teresa” não tinha amor próprio, porém sua autoestima melhora e seu amor próprio cresce e possibilita sua libertação dessa relação abusiva.

A escolha pelo nome da música ser “Teresas” é para representar um entre outros nomes muito comuns nas periferias (“Antônias, Amélias, Marias”), que também faz correspondência aos altos índices de violência doméstica que as mulheres periféricas sofrem.

³⁰ “Banda” é termo usado entre jovens para designar pessoas que estejam envolvidas com atividades criminosas ou ilícitas que não costumam ter trabalho de carteira assinada. Geralmente, denominar alguém de “moleque banda” ou “mina banda” fica implícito que a pessoa tem desvios de caráter e não é pessoa merecedora de confiança.

³¹ Informação presente no site Polifonia Periférica: Disponível em: <<http://www.polifoniaperiferica.com.br/2015/03/markao-aborigine-lanca-video-abordando-a-questao-de-genero/>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Teresas – Mc Aborígine

Teresas, Antonias, Marias, Amélias
 Não sabem, mas são rainhas todas elas
 Acordam de madrugada, limpar a casa, fazer café
 E seu companheiro nem mesmo está de pé

Segue a jornada, prepara a marmitta
 Não recebe um bom dia, mas a palavra que humilha
 Ouvindo a ingratidão gritar
 Mulher não faz nada, só fica em casa
 Eu que trampo pra lhe sustentar

Recolhe o choro no olhar
 Sabe que durante o dia terá que cozinhar, lavar, passar
 Em pensamento "Deus é mais, vou superar"
 Onde se escondeu o homem que escolhi pra amar?

Nesse conto, o príncipe tornou-se o sapo
 Morto ou adormecido, naquele corpo magro,
 Abatido com roupas que mais parecem sacos
 E o perfume agradável acabou

Deu espaço ao hálito forte de 51
 Noites brigas sem motivo algum
 Gritos são tiros disparados em sua cabeça
 Palavrões, agressões pra que jamais esqueça

"Ei Teresa você é minha mulher
 E com você eu faço o que eu quiser"
 Violência física, psicológica
 "Ela gosta disso", mas qual sua ótica?

Mulher de malandro gosta de apanhar?
 Talvez sua baixa estima, não a faça enxergar
 Que é ser humano e tem dignidade
 Mas cresceu ouvindo que "mulher não é gente de verdade"

Numa pia
 Lava roupas com água fria
 Enquanto escorrem lágrimas quentes
 Lava a tristeza e odor de aguardente
 Tão presente em cada dia

*No corpo as marcas,
 Nos olhos as lágrimas que não secam jamais.
 Mas eu ei de encontrar minha paz,
 Eu ei de encontrar minha paz*

E agora mesmo ele está no bar
 E pra aumentar a renda terá que costurar
 Vive fazendo remendos, tapando buracos do orçamento
 Por dívidas que faz sem teu conhecimento.

Não entendo, como pode está escrito 'ambiente familiar'
 Acima das bebidas que vendem no bar
 Se é este mesmo bar
 Que destruiu meu lar

Eu queria como muitos, admirar o entardecer
 Contemplar um céu lindo ao anoitecer
 Mas é justamente nesse horário
 Que ele sai do trabalho

Meu filho esconde-se no quarto, ao ver barulho no portão
 Fecha o caderno, interrompe a lição
 Chora num canto ao ouvir o palavrão
 E diz "papai não fala isso não"

Eles são minha fortaleza
 Por eles não desisto aconteça o que aconteça
 Escrevo pequenas receitas numa caderneta
 Salgado, chocolate, doce, sobremesas

Compro revistas, vagonite, tricô, crochê
 Meus filhos não precisarão de você
 Escreve uma placa improvisada num papelão
 Com um barbante estende naquele portão

E vê ali, superação de suas mágoas
 "Aceito encomendas de ovos de páscoa"
 Maior dádiva, escrita com suas próprias letras
 Após os 40 anos, matriculou-se no EJA

Eu sou guerreira por natureza
 Eu sou Maria, Sou Antônia, Sou Teresa
 Eu vou lutar
 Eu sou guerreira por natureza
 Eu sou Maria, Sou Antonia, Sou Teresa
 No corpo as marcas
 As lágrimas que não secam jamais
 Mas eu ei de encontrar minha paz.

Outra representação comum, que perpassa diferentes estilos de rap, é a da mulher amada por quem se deve fazer de tudo, a mulher em questão é a única que realmente importa e é perfeita em sua totalidade de qualidades e defeitos. A música de rap gangster “O Resgate” do grupo paulista “Realidade Cruel” mostra um amor

correspondido, a veneração da mulher amada e a total aniquilação da mulher como sujeito autônomo e individualizado em detrimento de seu parceiro.

O Resgate – Grupo Realidade Cruel

Olhei pra traz percebi
Quanto tempo perdi
Agora que por ti
Declamo meu amor e por favor
Não faça desse puro sentimento
Um dia se tornar fel ou doce veneno
De tanto sofrimento que a vida me ofertou
Eu agradeço ao senhor pela dignidade
Embora quem achou que minha derrota na verdade
Era a humilhação de te encontrar atrás das grades
Se enganou
Sou filha do príncipe dos exércitos
Aquele que do céu estremeceu o inferno
Então não tem nada que possa me parar ou me deter
A justiça do homem por você
Pra lá de piedosa foi
Agora eu sei
O quanto que marcou em mim
Quase morri, pois bem
E agora eu vou
E seja como for eu vou com a alma
Porque pra nossa vitória ninguém bate palmas
Lembro sim do seu rosto feliz, sorrindo
As cartas de amor com carinho

Hey, minha princesa, meu céu, minha lua
Por ti sou capaz de agarrar o sol com a unha
E nunca se esqueça que te quero para sempre
Pois você é minha riqueza
Minha flor do oriente
Todo esse veneno um dia vai acabar
Estando ao seu lado para sempre eu vou te amar

Enxugue as lágrimas que escorrem no rosto
Meu amor por você não é pouco
Se for preciso eu dou minha vida por ti
Sou capaz de morrer

Condenado a 17, tirando 2 e meio
Com 6 eu vinha embora
Matemática de preso é assim
E o juiz sem ter dó, insensível

Me ripô³² em mais 18 somando 35
 Semiaberto quem sabe daqui uns 10 no mundão
 Velho estarei embora pela solidão
 De não tê-la aqui comigo diariamente
 Não digo em espírito, mas corpo presente

 Amor, não esquenta, é só questão de tempo
 Se o sistema quis assim vou caminhando contra o vento
 E com esse armamento e muita disposição
 Mês de maio, sexta-feira
 O plantão é favorável
 Ou seja, mais tranquilo pra embocar
 Com os carros de frente pra muralha e metralhar
 De pente israelense ou belga, não importa
 Enquanto aí de dentro você comanda a ação pra fora
 Cata uns três reféns pega a chave e vai subindo que
 Não tem pra ninguém, seu resgate vai ser lindo
 Depois um novo documento pra você
 Enterrar o seu passado
 Voltar a viver
 Esquecer todo esse inferno
 Apagar toda a mágoa
 Enxugar as lágrimas
 Se banhar nas águas sagradas do mar
 Para abençoar o nosso amor
 Aí para sempre eu vou te amar

 Chegou o dia olhei pro céu, fiz uma oração
 Me arrumei, peguei o carro e parti para a missão
 Me encontrei com seus parceiros, revemos todo plano
 Não ia ter outro jeito, tinha que chegar atirando
 Conforme o combinado
 Dia e horário marcado
 Sem atraso pra não dar nada errado
 O amor é mesmo incrível
 Só por ti que aqui estou
 De repente após os tiros o alarme ecoou
 E da muralha percebi um Charles Bronson disparando
 Na nossa direção e um de nós que foi tombando
 Baleado manchando toda a lateral do Astra
 Ó meus anjos que vem do céu, me cubram com suas asas
 E não deixa nem sequer uma bala atravessar o meu amor
 Que do outro lado está prestes a me encontrar
 Tudo tomado, um ferido, os portões foram se abrindo
 E quando vi você de calça amarela saindo
 Com refém e seus comparsas prontos pra dar fuga
 E de repente eu nunca vi na minha frente tanta viatura

³² Ripô = ripou. Seria o ato do juiz estabelecer maior tempo de prisão para o réu.

Ó, meu senhor, me ilumina nesta hora
 Em nome do louvor
 Pra quem te exaltou na glória
 Te abracei como nunca antes tinha abraçado
 Se esse era o sonho, enfim tinha conquistado
 Senti no teu olhar um tom de felicidade
 Em meio à cena triste, o ar da liberdade
 Tanto que eu sonhei, só agora eu entendo
 Que estar aqui sim por você teve um preço
 Mas não imaginava que muito me custaria
 Nem sequer sonhar que pagaria com a vida
 Agora é tarde e o mundo é testemunha
 Que por amor eu fui capaz dessa loucura
 Ainda pude ver até mesmo pude ouvir
 O suspiro você me beijando fez sentir
 Quando escutei vários tiros e mais nada
 Minha vista escurecendo, minha blusa ensanguentada
 Eu ali no chão e as lágrimas descendo
 A bala que furou minhas costas atravessou seu peito
 Seu coração que aos poucos foi parando
 Seus olhos que brilhavam se fechando
 Por ti dei minha vida, valeu a pena sonhar
 Quem sabe lá no céu eu possa te amar

2.5 O QUE AS MULHERES COMPÕEM E CANTAM

Tanto Breitner (2012) quanto Santos (2011) encontraram o seguinte posicionamento de artistas masculinos do rap: os rappers estão interessados em travar discussões sobre preconceito racial e exclusão social (assuntos “sérios”) enquanto as mulheres cantam sobre problemas amorosos com seus companheiros e assuntos do âmbito privado.

Parte considerável de mulheres rappers canta músicas de forte apelo às dificuldades que vivem na sociedade machista, racista e pobre. As letras falam também dos desafios de ser mulher e cantora de rap. Há também letras que falam de festas, confraternização com amigas, relacionamentos e fatos do cotidiano nas comunidades em que vivem.

O discurso das rappers é oposto ao dos rappers, no seguinte sentido sobre as concepções sobre o gênero feminino: há a tentativa de fugir da representação de mulher de malandro, de mulher objeto, de mulher interesseira e a tentativa de auto

afirmar-se como mulher detentora de direitos, pessoa lutadora e individualizada, que deve ser vista, reconhecida e valorizada em suas particularidades.

As questões raciais são indissociáveis da cultura hip hop³³. Nas letras de artistas mulheres, há a valorização da estética feminina negra como ponto central. Serão analisadas composições de mulheres no próximo capítulo, dando ênfase a essas outras representações de mulher.

³³ Informação comum em estudos envolvendo a história do hip hop que tem forte relação com a luta pelos direitos civis nos EUA. O movimento hip hop carrega estratégias para a autoafirmação de pessoas negras desde seus primórdios. Ler trabalhos de Spensy Pimentel (1997), Breitner Tavares (2009; 2010; 2012) e Luiz Geremias (2006), citados anteriormente.

3 AUMENTA O SOM DAS MINAS!

*Sinistro trabalhar como Rapper no Brasil...
Sendo mulher e falando a verdade então... Nem
se fala.*

(Flora Matos)

Neste capítulo, são apresentadas composições autorais de cantoras de rap que abordam temáticas como autoestima, violência doméstica, estética, relacionamentos, família, trabalho e preconceito racial. Foram escolhidas, ao menos, duas letras de cada artista a partir da possibilidade de sua análise de acordo com os temas já citados. Apenas grupos ou cantoras do Distrito Federal foram escolhidos, uma vez que este é o foco e o *lócus* da pesquisa.

As artistas foram escolhidas na tentativa de trazer diferentes perfis artísticos e de explorar a diversidade de mulheres no hip hop. As composições escolhidas tratam da visão destas mulheres da realidade que vivem, ou seja, como sujeitos da ação que dão sua versão da história. Temos letras que abordam, de forma mais explícita, qual o papel da mulher na sociedade brasileira e outras que abordam a presença de mulheres no movimento hip hop³⁴.

Essas mulheres possuem algumas características em comum. Todas são moradoras originárias de regiões administrativas periféricas da zona central e economicamente mais elevada do DF, a Região Administrativa de Brasília. Logo, aparentam ter origem humilde com recursos financeiros limitados. Possuem algum tipo de envolvimento com pessoas, direta ou indiretamente, relacionadas ao crime, já que a criminalidade está muito presente em suas comunidades. No caso, esse envolvimento seria o simples fato de conhecer uma pessoa que já tenha tido a vida alterada pela criminalidade, como uma vizinha que teve o filho assassinado, ou um colega de escola que parou de estudar e virou traficante, ou um irmão que foi preso por porte de drogas, ou um primo que foi assassinado durante um roubo a mão

³⁴ Ouvir a música “Mulher Guerreira”, do grupo Atitude Feminina. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tw7STeRI7zs>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

armada, ou um ex-namorado que matou um policial, ou uma amiga que está grávida do marido preso...

Sobre escolaridade, não foram encontrados dados a respeito do grau de instrução dessas mulheres. A faixa etária dessas artistas é de 20 a 35 anos, aproximadamente - foi possível encontrar algumas datas de nascimento de algumas dessas jovens. Todas tiveram diferentes inserções na música e no movimento hip hop.

Foi um árduo trabalho escolher apenas algumas dentre tantas composições marcantes, simbólicas e significativas, que dão voz a tantas situações vividas por diversas pessoas que moram em regiões periféricas. Dar conta da totalidade do trabalho das artistas escolhidas é algo que demandaria ser desenvolvido em uma pesquisa maior e mais duradoura como uma tese de doutorado. Essas músicas, que carregam a simplicidade e ao mesmo tempo a complexidade das histórias contadas, se mostram de grande relevância para se conhecer e estudar uma sociedade tão desigual como a nossa.

A partir de pesquisas na internet³⁵, é possível fazer uma análise que divide a participação de mulheres no movimento, no Brasil, em três fases. A primeira é caracterizada pela tímida presença de mulheres nos shows e eventos, muitas vezes para acompanhar namorados ou amigos. Algumas já se aventuravam em um ou mais de um dos quatro elementos do Hip Hop, sofrendo discriminação e sendo invisibilizadas e deslegitimadas por seus pares. Cronologicamente, essa fase é ambientada na década de 1980 e parte da década de 1990.

A segunda fase é marcada por uma presença mais ativa de mulheres nos quatro alicerces do hip hop. Na tentativa de serem ouvidas e “levadas a sério”, acabam masculinizando-se na forma de vestir, falar, cantar, dançar. Usavam roupas escuras e largas que não marcassem ou não mostrassem a presença de um corpo feminino no palco. Há aqui uma grande preocupação em não erotizarem-se, em não serem vistas ou tratadas como objetos sexuais por seus pares. A preocupação dessa “geração” era justamente participar do movimento, buscando o respeito e o direito de serem ouvidas e de apropriarem-se dos espaços e da arte. Iniciou-se na década de 1990 e perdurou até os anos 2000.

³⁵ Além das pesquisas na internet, informações foram colhidas de maneira informal a partir de conversas com mulheres do movimento, mais especificamente com rappers. Algumas ainda dizem que muitos colegas só as reconhecem no movimento, pois tem interesses amorosos, desconsideram completamente sua participação no movimento como produtoras de hip hop.

A terceira fase inicia-se com o novo século e pode ser identificada até os dias atuais. Aqui há uma mudança de postura. Agora, mais visíveis e “levadas a sério”, as hip-hoppers lutam pela sua “feminilidade”. Elas querem poder agir, serem vistas, tratadas e respeitadas como mulheres. Há uma troca no vestuário para roupas mais justas, coloridas, brilhosas. Se antes as roupas resumiam-se a camisetas e calças muito maiores e mais largas que suas usuárias, agora as roupas utilizadas são compradas em “lojas femininas”, digamos assim. A mensagem delas é “sou mulher sim, posso ser feminina e atuar no hip hop”.

Com um cenário mais consolidado e mais favorável, há também a possibilidade de serem pessoas sensuais e com direito à fala. Não se incomodam mais de serem vistas de forma sexual, desde que sejam respeitadas e não tratadas como objetos utilizados para servir aos prazeres e desejos do público masculino. As letras agora têm mais posições políticas, defendendo os direitos e especificidades dos interesses das mulheres. Pode-se afirmar que existem discursos de cunho feminista³⁶, mesmo que algumas delas não se reconheçam e nem se identifiquem publicamente como feministas. Há grande diversidade de mulheres e estilos musicais na nova geração³⁷.

Há hoje maior abertura da mídia televisiva às cantoras de rap. No entanto, essa abertura é restrita para as rappers com um discurso político de críticas sociais “leves” e sutis³⁸. A internet é um espaço mais favorável para a disseminação da trajetória de vida e profissional das rappers. Há grande quantidade de sites especializados em hip hop como referência³⁹.

³⁶ Ouvir as músicas que tratam de aborto, questões raciais e a liberdade sexual das mulheres:

1) “Ventre Livre de Fato” da Mc Luana Hansen. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UWe4d_5FQjg>. Acesso em: 01 jul. 2015.

2) “Larga o Bicho” da Nega Gizza. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XMHE6ZaO48>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

3) “Tem quem queira” da Flora Matos disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sAOfwJJ6FqY>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

4) “Que Delícia” da Karol Conká. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5Qg-N1YUDI>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

³⁷ Podemos citar por exemplo Luana Hansen assumidamente homossexual e Yzalú que explora instrumentos musicais incomuns no rap como o violão.

³⁸ O exemplo mais notório é o da rapper curitibana Karol Conká que já participou de programas como “Encontro com Fátima Bernardes” e “Esquenta!”. Algumas pessoas do movimento criticam rappers que participam mais ativamente da mídia de massas e também as/os consideram como “pop’s demais para serem considerados como do hip hop”.

³⁹ O blog Bocada Forte é um dos mais antigos entre os blogs sobre hip hop. Disponível em: <www.bocadaforte.com.br>. Acesso em: 01 jul. 2015. Há também o site Rap Nacional Download. Portal para divulgação de reportagens, textos e download do trabalho de hip hoppers. Disponível em: <www.rapnacionaldownload.com.br>. Acesso em: 01 jul. 2015.

3.1 ATITUDE FEMININA⁴⁰

Grupo feminino da Região Administrativa de São Sebastião, criado em 2000. Com quinze anos de carreira, o grupo passou por diferentes formações, como exposto no trecho da entrevista (2011):

O nome foi dado por Hellen e Aninha, a última integrante a fazer parte do grupo. Jane, Hellen, Gisa Black, Lala e Aninha, faziam parte da primeira formação. Depois a Lala saiu do grupo e na época que lançamos o CD éramos quatro, mas já contando com o apoio do Wty e do Dj Raffa que eram as principais pessoas que ficavam por trás ajudando em tudo. Em 2007, a Jane saiu junto com Wty e após algum tempo se converteram. Em 2010, Gisa se converteu também e decidiu sair do grupo.⁴¹

A última formação do grupo, e a mais atual, é composta por Aninha e Hellen⁴², que conta também com a participação do DJ Raffa⁴³. Já lançaram três álbuns e fizeram shows por diversas cidades e capitais brasileiras (entre elas, Uberaba, Cristalina, Unaí, Cabeceira Grande, Buritis, Fortaleza, Palmas, João Pessoa, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo) e até uma turnê internacional na Ilha de São Vicente, em Cabo Verde⁴⁴.

As duas integrantes do grupo parecem pertencer a classes sociais desfavorecidas economicamente, perfil que pode ser inferido a partir de suas composições que revelam a realidade em que vivem. Sobre a identidade racial dessas mulheres, não foi encontrada nenhuma autodeclaração delas disponível na internet. No entanto, Aninha e Hellen podem ser classificadas na categoria de pessoas negras, devido a traços fenotípicos, à consciência e identidade racial que

Esse blog possui um acervo próprio de obras sobre o hip hop. Em sua biblioteca virtual podem ser encontrados trabalhos como O Livro Vermelho do Hip Hop de Spensy Pimentel. Outra biblioteca virtual sobre hip hop é o do blog CLAM Hip Hop. Disponível em: <<https://clam.sarava.org/biblioteca-virtual>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

⁴⁰ Informações sobre o grupo encontradas no site oficial das artistas "Atitude Feminina". Disponível em: <<http://www.atitudefeminina.com.br/>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

⁴¹ Trecho da entrevista retirado na íntegra do blog DuRapDF: <<http://durapdf.blogspot.com.br/2011/06/entrevista-exclusiva-atitude-feminina.html>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

⁴² Informação adquirida em uma entrevista concedida pelo grupo em junho de 2011 para o blog DuRapDF. A entrevista é de quatro anos atrás, no entanto a informação continua atualizada. Disponível em: <<http://durapdf.blogspot.com.br/2011/06/entrevista-exclusiva-atitude-feminina.html>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

⁴³ Dj Raffa escreveu uma autobiografia: "A Trajetória de um Guerreiro". O livro traz informações sobre a chegada do movimento Hip Hop no Distrito Federal e como isso afetou a sua própria vida. Disponível em: <http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/upload/project_reading/0_Trajectoria_Guerreiro-Miolo.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2015.

⁴⁴ O vídeo clipe da música Eu Sei foi gravado durante essa turnê internacional pelas ruas da Ilha de São Vicente. Material disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-mfNrdarO5Y>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

apresentam ao se considerar o acervo de seus trabalhos musicais e ao se analisar fotos disponíveis na internet.

Ganhador de prêmios de hip hop, o grupo é conhecido por dois trabalhos de grande visibilidade, o primeiro videoclipe “Rosas”⁴⁵, que aborda a violência doméstica, e o curta metragem e videoclipe, “Enterro do Neguinho”⁴⁶. Esses dois são os vídeos mais acessados do grupo em seu canal⁴⁷, na plataforma de vídeos YouTube.

As composições do grupo são sobre violências de gênero contra mulheres, histórias do cotidiano de seu local de moradia (que são recorrentes em periferias), o envolvimento de conhecidos com a criminalidade, relacionamentos amorosos, relações familiares, a presença da mulher no hip hop.

Rosas – Atitude Feminina

Hoje o meu amor veio me visitar
E trouxe rosas para me alegrar
E com lágrimas pede pra voltar
Hoje o perfume eu não sinto mais
O meu amor já não me bate mais
Infelizmente eu descanso em paz!

Tudo era lindo no começo lembra?
Das coisas que me falou que era bom sedução
Uma história de amor, vários planos, desejos e ilusão. E daí?
Não tinha nada a perder queria sair dali
No lugar onde eu morava me sentia tão só
Aquele cheiro de maconha e o barulho de dominó
A molecada brincava na rua e eu cheia de esperança
De encontrar no futuro a paz sem tiroteio, vingança
E ele veio como quem não quisesse nada
Me deu um beijo e me deixou na porta de casa
Os meus olhos brilhavam estava apaixonada
Deixa de ser criança a minha mãe falava
Que no começo tudo é festa e eu ignorava
Deixe eu viver meu futuro e si pá
Muda nada

⁴⁵ O vídeo serviu como complemento para a análise da letra. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AJCrOpvCPN0>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

⁴⁶ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h7DHW8xo_oc>. Acesso em: 01 jul. 2015.

⁴⁷ Plataforma de vídeos oficial do grupo Atitude Feminina DF. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/Atitudefemininadf/feed>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Menina boba e iludida sabe de nada da vida
Uma proposta ambição de ter uma família
Me entreguei até a alma e ele não merecia
O meu pai embriagado nem lembrava da filha
Meu príncipe encantado
Meu ator principal
Me chamava de filé e eu achava legal
No começo tudo é festa sempre é bom lembrar
Hoje estou feliz o meu amor veio me visita

Hoje o meu amor veio me visitar
E trouxe rosas para me alegrar
E com lágrimas pede pra voltar
Hoje o perfume eu não sinto mais
O meu amor já não me bate mais
Infelizmente eu descanso em paz!

Numa atitude pensada sai de casa
Pra ser feliz
Não dever satisfação ser dona do meu nariz
Não aguentava mais ver a minha mãe sofredora
Levar porrada do meu pai embriagado e à toa
O meu irmão se envolvendo com as paradas erradas: cocaína, maconha, 157
Ah, mas eu estava feliz no meu lar doce-lar
Sua roupa, olha só!
Tinha prazer de lavar
Mas alegria de pobre dura pouco, diz o ditado
Ele ficou diferente, agressivo, irritado
Chegava tarde da rua aquele bafo de pinga
Batom na camisa e cheiro de rapariga
Nem um ano de casado, ajuntado sei lá
Não sei pra que cerimônia o importante é amar
Amor de tolo amor de louco e o que foi que aconteceu
Me mandou calar a boca e não me respondeu
Insistir foi mal, ele me bateu
No outro dia me falou que se arrependeu
Quem era eu pra julgar?
Queria perdoar
Hoje estou feliz o meu amor veio me visitar

Hoje o perfume eu não sinto mais
Meu amor já não me bate mais
Infelizmente eu descanso em paz

Quase 2 anos a rotina parecia um inferno
Que saudade da minha mãe
Desisti do colégio

A noite chega a madrugada e meu amor não vinha
 Quanto mais demorava, preocupada mais eu temia
 Não estava aguentando aquela situação
 Mas hoje tudo vai mudar ele querendo ou não
 Deus havia me escutado há uns dois meses atrás
 Aquele filho na barriga era esperança de paz
 Tantos conselhos me deram de nada adiantou
 Era a mulher mais feliz, o meu amor chegou
 Que pena!
 Novamente embriagado.
 Aquele cheiro de maconha
 Inconfundível, é claro
 Tentei acalma-lo ele ficou irritado
 Começou a quebrar tudo loucamente lombrado
 Eu falei que estava grávida ele não me escutou
 Me bateu novamente, mas dessa vez não parou
 Vários socos na barriga, lá se vai a esperança
 O sangue escorre no chão, perdi a minha criança
 Aquele monstro que um dia prometeu me amar
 Parecia incontrolável eu não pude evitar
 Talvez se eu tivesse o denunciado
 Talvez se eu tivesse o deixado de lado
 Agora é tarde
 Na cama do hospital
 Hemorragia interna o meu estado era mal
 O sonho havia acabado e os batimentos também
 A esperança se foi pra todos sempre, amém!
 Hoje o meu amor implora pra eu voltar
 Ajoelhado, chorando
 Infelizmente não dá
 Agora eu to feliz ele veio me visitar
 É dia de finados, muito tarde pra chorar.

Hoje o meu amor veio me visitar
 E trouxe rosas para me alegrar
 E com lágrimas pede pra voltar
 Hoje o perfume eu não sinto mais
 O meu amor já não me bate mais
 Infelizmente eu descanso em paz!

Aqui algumas considerações de grande relevância para a melhor compreensão de meu trabalho analítico. O “Eu lírico”, também conhecido como “sujeito lírico” ou “eu poético”, é de acordo com a definição do Portal Educação⁴⁸:

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/34394/eu-lirico-sujeito-lirico-ou-eu-poetico>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

“aquele elemento do texto poético que expõe ao leitor o sentimento que emerge do poema. Se compararmos o gênero lírico com o narrativo, o eu-lírico será equivalente ao narrador. Vale ressaltar também que, como no gênero narrativo, não confundir a pessoa real (o autor/poeta) da entidade fictícia (narrador/eu-lírico). O poeta é a pessoa real, comprometida com os fatos, com o mundo, com a lógica, com a compreensão de si mesmo, enquanto o eu-lírico não pode ser descrito porque não se compreende, não toma posição, apenas se deixa levar pela corrente da existência, não oferecendo nenhuma resistência”.

De certa forma, o eu lírico é o personagem do texto que é influenciado pela subjetividade de seu/sua autor/a, não necessariamente equivale a todas as experiências vividas pelo/a autor/a, mas pode sim ser um documento de caráter biográfico. Em todas as letras tratadas aqui há tanto letras autobiográficas quanto letras que abordam experiências de um ou mais personagens.

O grupo conta a história de vida de uma mulher e seu envolvimento com um homem que se tornou companheiro e, posteriormente, carrasco. O refrão deixa explícito que o eu lírico sofria agressões físicas e hoje não é capaz de sentir nada, pois está morto devido às violências sofridas. A letra em si retrata bem a realidade de violência doméstica, sofrida por várias mulheres e que muitas vezes não conseguem se desvencilhar da relação violenta com seus cônjuges e terminam assassinadas.

Durante a narração de sua história, fica-se ciente da estrutura familiar da jovem, composta por mãe, pai e irmão. O encontro com o “príncipe encantado”, com o “ator principal”, é uma alternativa à dura realidade vivida em casa - a jovem “não tinha nada a perder, queria sair dali”, pois “no lugar onde morava (se)⁴⁹ sentia tão só”.

Sua família propiciava um ambiente hostil e violento, a mãe era agredida pelo pai um “à toa” com problemas com o álcool e o irmão envolvendo-se com drogas e criminalidade. Sair de casa e ir morar com seu “amor” foi uma “atitude pensada” com “a proposta (e) ambição de ter uma família”. Saiu de casa “pra ser feliz, não dever satisfação (e) ser dona do (próprio) nariz”. A jovem tinha esperanças “de encontrar no futuro a paz sem tiroteio, vingança”, infelizmente acabou encontrando uma “rotina

⁴⁹ Foram feitas pequenas alterações gramaticais para a melhor adequação na análise das composições. Essas alterações, no entanto, não tiveram mudanças semânticas.

(que) parecia um inferno” ao lado de alguém a quem “entregou-se até a alma e não merecia”.

“Os seus olhos brilhavam estava apaixonada. ‘Deixa de ser criança’ a (sua) mãe falava ‘Que no começo tudo é festa’ e (ela) ignorava”. Para a mãe era uma “menina boba e iludida, (que não) sabia nada da vida”. Não deu ouvidos à mãe e o “pai embriagado nem se lembrava da filha”, acabou entrando numa situação em que não encontrou saída e não foi resgatada por seu pai negligente nem por sua mãe que também já vivia uma relação violenta com o marido. Há no relato do eu poético a naturalização de relações afetivas violentas, inclusive a conjugal. Essa vivência familiar prévia favoreceu a postura compreensiva da jovem em relação ao comportamento violento, ao uso de drogas (álcool e maconha), às traições e às saídas noturnas de seu companheiro.

“Nem um ano de casado”, sentia-se “feliz no (seu) lar doce lar” e orgulhosa “tinha prazer de lavar” a roupa do seu “amor”, que começou a mostrar mudanças de comportamento. “Mas alegria de pobre dura pouco” e o “amor” agora “ficou diferente, agressivo (e) irritado” “chegava tarde da rua (com) bafo de pinga, batom na camisa e cheiro de rapariga”. Não respondeu às perguntas da namorada e a “mandou calar a boca”, diante de sua insistência a “bateu”. “No outro dia (o rapaz) falou que se arrependeu”, a mulher não se sentia em posição de julgá-lo e “queria perdoar”. Mesmo com a infidelidade, o uso de drogas e as agressões, a jovem não abandonou o marido e não deixou de nutrir emoções de amor, compreensão, companheirismo e carinho por ele.

Sua postura de misericórdia culminou em agressões cada vez mais frequentes e intensas de seu cônjuge. Com quase dois anos de casamento, a jovem sentia “saudades da mãe” e “havia desistido do colégio”. Esses trechos mostram a pouca idade da menina - que provavelmente era menor de idade - que excluída de ciclos sociais que poderiam lhe oferecer apoio permanece sem meios para desvencilhar-se desse relacionamento destrutivo. Longe da escola e da família, suas chances de abandonar o marido eram muito reduzidas.

Novamente “chegou a noite e a madrugada” e o “amor não vinha quanto mais demorava, preocupada, mais (ela) temia”. “Não aguentava mais aquela situação” que “parecia o inferno”. Grávida, acreditava que tudo mudaria naquele dia com o “amor querendo ou não” graças à notícia que lhe daria, pois suas preces foram atendidas “Deus (a) havia escutado uns dois meses atrás” e a criança do casal “na

barriga era esperança de paz”. A última esperança foi depositada na gestação de um/a filho/a de seu namorado. Caso esse fato não trouxesse lucidez ao marido, a moça finalmente desistiria do relacionamento.

“Tantos conselhos (lhe) deram, (mas de) nada adiantou”. Ficou feliz por um momento quando o seu “amor chegou”. Logo se decepcionou, pois o namorado “novamente embriagado” e com um “inconfundível cheiro de maconha” ficou irritado quando ela tentou acalmá-lo. E “começou a quebrar tudo” completamente fora de si. O homem estava “loucamente lombrado”, nas palavras da vítima, a “bateu novamente, mas dessa vez não parou”. Deferiu-lhe “vários murros na barriga” que resultaram na vítima internada no hospital com “hemorragia interna, (seu) estado era mal”. A vítima sofreu espancamento por brutalidade sem precedentes em sua relação abusiva.

Com o aborto e seu assassinato decorrente do espancamento sofrido pelo “monstro que (lhe) prometeu amor”, a jovem ainda questiona-se se seu destino teria sido outro caso “tivesse (o) denunciado” ou “deixado (o namorado) de lado”. Infelizmente, era tarde demais para suposições. A esperança e o sonho haviam acabado concomitantemente aos batimentos cardíacos da vítima.

A narração de sua história acontece após a morte do eu lírico, que tem uma leitura reflexiva sobre sua vida em seu pós-morte. Parece que mesmo depois de sua morte, a jovem continua conectada ao seu namorado que demonstra arrependimento quando “ajoelhado, implora pra (ela) voltar”. Todas as agressões e a própria morte não foram capazes de extinguir o amor da jovem por seu companheiro. A situação mostra a mesma dependência emocional de outras vítimas de violência doméstica que muitas vezes não querem terminar seus relacionamentos, mas desejam mudanças no comportamento de seus companheiros.

Eu Sei – Atitude Feminina

Olhos enevoados contemplam a minha quebra

As ruas de terra, abençoada favela.

A maioria de bem, amor pra distribuir.

É com orgulho que eu falo que eu moro aqui.

Sei que ninguém é perfeito

Eu mesma tenho defeitos
Mas minha honestidade é estampada no peito.
Até tenho ganância, mas também quem não quer
Conforto pra família, o melhor que puder?
Mas não é assim que eu vejo quando olho em frente.
Realidade é dura! O que fazer com essa gente?
Tá vendo?! As crianças sem ir pra escola.
Tá vendo?! O pivete assaltando a padoca⁵⁰.
Tá vendo?! O crack e a cocaína livre.
Tá vendo?! O corpo estirado vítima do crime.
É, eu choro com a mãe que chora.
Essa é minha atitude agora.

O choro pode durar a noite inteira, eu sei.
Mas a esperança que na manhã cantarei.
E tudo pode mudar e a quebra vai transformar.
E um novo tempo virá, eu sei! Eu sei!

Eu sei que o sofrimento acaba,
Mas minha lágrima não para.
Já to com a pálpebra inchada,
Não tenho ânimo pra nada.
O choro faz bem, pois mostra o sentimento
Daquilo que você traz guardado aí dentro.
O amor que nos leva a pensar na vida.
O amor que nos faz procurar a saída.
Pois eu falo que a saída está em você mesmo
Tente mudar suas atitudes, onde está seu erro.
Através do seu exemplo vidas podem ser salvas
Aí talvez você deixe de ver corpos nas estradas.
Eu te pergunto: quantos amigos você perdeu?
Irmãos? Primos? Alguém que conheceu?
Fé em Deus e a esperança de tudo mudar

⁵⁰ Padoca é uma gíria para padaria.

Eu sei que pela manhã seu choro vai acabar.

O choro pode durar a noite inteira, eu sei.

Mas a esperança que na manhã cantarei.

E tudo pode mudar e a quebra vai transformar.

E um novo tempo virá, eu sei! Eu sei!

A composição acima traz uma caracterização da “quebra”⁵¹ das artistas, que possui “ruas de terra”, “crianças sem ir pra escola”, “pivete assaltando a padoca”, “o crack e a cocaína livre” e “corpo estirado vítima de crime”. Ou seja, a quebrada não possui infraestrutura e serviços de qualidade, que deveriam ser oferecidos pelo Estado, como ruas asfaltadas e escolas para a população jovem e há ainda um agravante, o tráfico de drogas e a criminalidade. Esses fatores influenciaram ou determinaram a perda de “amigos”, “irmãos”, “primos” ou “alguém que conheceu” por pessoas que moram em regiões periféricas. A letra leva a entender que a perda de um ente querido por criminalidade ou uso de entorpecentes faz parte da “realidade (é) dura” da periferia. Essa situação causa sofrimento e choro, um sentimento de tristeza e de solidariedade entre pessoas que estão vivendo no mesmo ambiente e passando por dificuldades parecidas.

Há uma autoafirmação identitária como moradoras da periferia em que seus residentes são “a maioria de bem” e com “amor pra distribuir”, o que faz as cantoras afirmarem: “É com orgulho que eu falo que eu moro aqui”. O sujeito lírico reconhece que “ninguém é perfeito” e que ela possui defeitos, porém sua “honestidade é estampada no peito” e também tem “ganância”. Esse sentimento é o desejo de “Conforto pra família, o melhor que puder” que todo mundo almeja.

Apesar dos problemas de seu local de moradia e o sofrimento das pessoas, a jovem tem esperanças e acredita que “tudo pode mudar e a quebra vai transformar e um novo tempo virá”. O eu poético acredita de forma convicta que seu local de moradia pode mudar para melhor desde que as pessoas mudem suas ações e corrijam seus erros. Essa mudança de comportamento pode servir de exemplo e “vidas podem ser salvas”. Não é algo explícito na composição, mas a personagem

⁵¹ Quebra é um diminutivo para a gíria “Quebrada”. É um sinônimo criado por moradores de regiões periféricas para o termo “favela”.

provavelmente está se referindo à necessidade de jovens não se envolverem com o crime.

Linda – Atitude Feminina

Cade você Linda minha?
 Onde você se meteu?
 Volta pra casa minha filha
 De volta pro que é seu
 Cade você Linda minha
 Onde você se meteu
 A culpa também foi minha
 O erro também foi meu

Era Linda
 Seu apelido de infância
 O orgulho da casa nos tempos de criança
 Era lindo o jeitinho que ela falava

"Dá bola, pilulito, mamadela bala"

Mas o tempo foi passando e ela foi crescendo
 Fazendo uns amiguinhos, e a rua conhecendo
 Tinha uma velha bicicleta que sua mãe lhe deu
 Que ganhou na diária da quinta graças a Deus
 Pois o dinheiro pra comprar não tinha, tava difícil
 Nunca sobrava era conta mais contas e fora o vício
 Cigarro e cervejinha no fim de semana
 Um namorado, mãe solteira era assim dona Ana
 Não dá nada mas se ponha no lugar de Linda
 Com a mente informação olha o que ela via
 E nas ruas crianças se espelhavam em bandido
 Fumando crack armados e viam o que era proibido

Cade você Linda minha
 Onde você se meteu
 Volta pra casa minha filha
 De volta pro que é seu
 Cade você Linda minha
 Onde você se meteu
 A culpa também foi minha
 O erro também foi meu

Conhecia o mundo de uma forma distorcida
 Quem tá ligado já sabe que é isso que o mundo ensina
 Roubar, fumar, beber o que vir na mão

Fazer o que o diabo gosta é que é diversão
 Ficou amiga de Karol, formada no crime
 Chapava o coco na cerva e o resto imagine
 Começava com o beque, então pó depois crack
 Depois desse ponto não sabe o tamanho do baque
 Um dia inventou, pra sua mãe um caô⁵² que
 Ia dormir na Karol que o pai dela viajou
 Ao invés disso foi num frevo na casa dos moleques
 Tomou todas chapou, com a Karol no beque
 Eram 5 camaradas só tinha elas duas
 Que que cê acha que nós faz com ela toda nua
 Mas Linda não quis, se recusou não dá
 Mas agora é tarde, não adianta chorar
 Levou o murro na cara fizeram o que queriam
 Karol tentou ajudar, o os moleque sorriam
 Depois de fazer de tudo bateram até se cansar
 E Linda ficou tão feia não dava pra comparar
 Com aquela criança que falava errado
 Toda desfigurada escondida no mato
 E você acha sua filha num terreno baldio
 E lembra da sua infância e do que ela viu

Cade você Linda minha
 Onde você se meteu
 Volta pra casa minha filha
 De volta pro que é seu
 Cade você Linda minha
 Onde você se meteu
 A culpa também foi minha
 O erro também foi meu

Hoje no enterro de Linda eu me lembro
 Das coisas erradas que via, e me arrependo
 Se eu pudesse voltaria atrás e mudaria os atos
 As besteiras que fiz, seria o contrário
 Desde pequena ela viveu uma vida toda errada
 Via os meus maus exemplos minhas paradas errada
 Não dá nada pensava, não to matando ninguém
 Não faça o que faço pro seu próprio bem
 Mas não é assim eu aprendi que a minha vida ensina
 Tudo que sou é espelhado em quem vê o meu dia a dia
 O que eu faço conta muito
 Como vai ser a criança do meu lado no futuro e
 Que a morte de Linda não seja em vão
 Te faça refletir, atingir seu coração
 No desejo de mudar e ser um bom exemplo
 Em tudo que cê faz, oh, Deus tá vendo

⁵² Caô é uma gíria para designar mentira.

A composição gira em torno da relação “mãe e filha”. A mãe solteira passa por dificuldades financeiras e convive com o vício do cigarro e da cerveja, enquanto tenta criar sua filha, Linda, que era o motivo de “orgulho da casa nos tempos de criança”. A menina passou a frequentar e conhecer a rua. Na rua, “As crianças se espalhavam em bandido fumando crack, armados e viam o que era proibido”. Desde pequena, Linda tem essas referências em seu local de moradia - a criminalidade é algo presente em seu bairro.

Diante desses maus exemplos, a menina tinha uma visão “distorcida” do que era saudável e divertido: “Roubar, fumar, beber o que vier na mão. Fazer o que o diabo gosta isso que é diversão”. Essas ações ilícitas passaram a ser a referência e as opções de lazer que a menina possuía, juntamente com sua amiga Karol, que era envolvida com o crime, usava drogas e frequentava festas. Em um episódio, mentiu para a mãe, dizendo que passaria a noite na casa de Karol, pois o pai desta estava viajando. No entanto, foram para um “frevo”⁵³ na casa de cinco “camaradas” (estes provavelmente comparsas de Karol em suas atitudes criminosas) e beberam e “chaparam no beque”⁵⁴. As duas sem condições físicas de reagir devido aos efeitos das drogas que utilizaram tornaram-se alvos fáceis para os rapazes.

Com a recusa de Linda em corresponder às investidas sexuais dos rapazes, foi agredida com “um murro na cara” e “fizeram o que queriam”. A amiga Karol tentou ajudar, mas não adiantou. “Depois de fazer de tudo, bateram (em Linda) até se cansar” e deixaram a jovem “feia” e irreconhecível com o corpo todo desfigurado em um terreno baldio, “escondida no mato”. A letra conta um crime cometido e dá um panorama da realidade familiar da vítima.

Ao encontrar o corpo da filha, Dona Ana⁵⁵ passa a refletir sobre a infância de Linda e sobre as coisas que a menina via. Arrependida e sentindo-se culpada com os erros e os exemplos ruins que deu para a filha, a mãe deseja “voltar atrás e mudar os atos, as besteiras que fez”. A mulher, em seu momento de luto, finalmente percebe que dizer “não faça o que faço pro seu próprio bem” não era suficiente para a filha fazer boas escolhas. A mulher vive uma epifania: suas ações, que “não

⁵³ Frevo é uma gíria que significa festa ou balada.

⁵⁴ “Chaparam no beque” significa que as meninas usaram maconha e ficaram sob efeitos da droga por certo tempo.

⁵⁵ Dona Ana é mãe de Linda.

matavam ninguém” e não “dariam em nada”, acabaram tendo consequências na forma como Linda vivia e no que a menina considerava certo.

Pesarosa e consciente de que suas ações refletem no comportamento das pessoas que acompanham seu dia a dia, Dona Ana deseja “que a morte de Linda não seja em vão, te faça refletir, atingir seu coração, no desejo de mudar e ser um bom exemplo em tudo o que você faz”. A mulher deseja que as pessoas passem a pensar de forma mais crítica sobre suas próprias ações para não viverem no futuro sua tragédia atual.

O grupo Atitude Feminina pode ser classificado como de rap consciente. Tentam estimular as pessoas a tomarem consciência das injustiças sociais para, se munidas de informação, mudarem suas realidades.

3.2 FLORA MATOS

Filha de Renato Matos, baiano também músico, moradora do Gama. Flora iniciou-se no ambiente hip hop aos treze anos, quando convidada por uma amiga para ajudar na organização do camarim - foi o seu primeiro show de rap - do grupo Racionais MC's⁵⁶. Desde então passou a frequentar mais shows de rap e começou a escrever letras e buscar seu flow⁵⁷. Aos dezoito anos, mudou-se para São Paulo, visando investir em sua carreira no rap.

Flora difere-se de outras cantoras por ser socialmente reconhecida como branca⁵⁸ e demonstrar consciência apurada sobre questões raciais. Sua identidade sempre faz referência às influências que recebeu da cultura negra.

Sem mão na cara – Flora Matos⁵⁹

Sei muito bem quem são...
Correm em outra direção

⁵⁶ Informações cedidas pela artista em entrevista disponível em: <<http://virgula.uol.com.br/musica/black/mc-flora-matos-dribla-preconceito-com-criatividade-mas-reconhece-machismo-no-rap/#img=1&galleryId=131695>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

⁵⁷ Flow é o ritmo próprio que cada artista possui de cantar rap.

⁵⁸ Flora ser socialmente reconhecida como branca não é um consenso. Há pessoas que a reconhecem como parda. A trataremos como branca por algo próximo a uma autodeclaração encontrada em suas letras. Como em sua composição “Sem mão na cara” tratada mais adiante em que há os seguintes trechos no refrão “Dos branco eu herdei a cor. Dos preto eu herdei esse dom”.

⁵⁹ Música disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7KAiSVItAUQ>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Vão ter que ter a pureza pra interpretar meu som
 Se sou preta ou não
 Entenda a minha visão...
 Dos branco eu herdei a cor
 Dos preto eu herdei esse Dom

Pode ficar puto, ignora que não dá nada,
 Você e seu mundinho que ostenta nunca fez falta
 Passe a respeitar, me supere, nem tô tão fraca
 Faça melhor do que eu, quebra tudo depois cê fala
 Seu problema comigo, é que eu nunca te dei mole
 Só pode ser isso, pra tu atrapalhar meu corre
 Meu papo é um só, comigo você não pode
 Eu que não vou te querer nem que um dia eu engorde
 Homem metido, invejoso, problemático, ciumento
 Fica tranquilo que eu quero é mostrar o meu talento
 Será que eu posso entrar?
 De qualquer jeito eu entro
 Tu não entende o que eu sou, porque não tem discernimento
 E não ia com isso, com isso eu me sustento
 Humildemente pra fazer o que eu faço, eu me concentro
 Fraco de espírito, vive nas costas dos seus amigos
 Porque conspira tanto, que desmerece quando eu rimo

Vai aprender a rimar, se tu quiser eu te ensino
 Sem ironia nenhuma, rap porradão e fino
 Eu sei ... Conheço pouco, mais pra mim tu é garoto
 Pelo que eu vi, mulher pra tu só interessa o corpo
 Eu? Nunca fui um pra você, porque te acho um bobo
 Se tu não ficar esperto, eu vou caprichar no toco
 Meu papo contigo é rap, se quiser .. só se for
 Gosto de rap antes do que de qualquer amator
 Você que morre de medo quando escuta meu flow
 Você é tão fraco assim, que cê se atrasou
 Não impata a minha vida, quando as portas tão se abrindo
 Você não aceita quando vê que eu to evoluindo
 Então, vá produzir, que eu tô produzindo
 Dá licença, que eu ouço esse rap sendo ouvido
 Se você quiser bom rap, escuta esse que é lindo
 Se ele não tiver gostando ...

Eu precisei convocar o garanhão na minha rima
 Pedi pra ele rimar, e geral viu que ele nem rima
 Mais um no lixo que ainda fala mal das mina
 Mostrei pra ele que eu com otário não combina
 Ele é neném, fraquinho, ficou pequeno
 Quando repara nem sabe o que que tá acontecendo
 Agora ele aceita na dele desenvolvendo

Aproveitou meu exemplo, tá concentrado aprendendo
 Porque eu gosto de quem faz
 Quem não faz fica pra trás
 Tu acha que ninguém vê, só que geral tá sagaz
 Ocupado, preocupado, ouvindo pedindo mais ..
 O que ? Preste atenção. Meu rap pedindo paz...
 Eu falo dos nacionais, vários que vem sendo tais
 Os que não são aqui são
 Nova escória, nunca rivais
 Eu falo dos nacionais, vários que vem sendo tais
 Os que não são aqui são!

 Sei muito bem quem são...
 Correm em outra direção
 Vão ter que ter a pureza pra interpretar meu som
 Se sou preta ou não
 Entenda a minha visão...
 Dos branco eu herdei a cor
 Dos pretos eu herdei esse Dom.

A música “Sem mão na cara” traz um relato que aparenta ser mais autobiográfico, em que há um conflito entre a rapper e outro Mc. O rapaz em questão sente-se ameaçado com a presença da cantora no ambiente hip hop, a enxerga como rival e sempre desmerece o seu trabalho tentando deslegitimar a presença das minas no rap.

Ao longo da composição, sabe-se sobre a relação dos dois: o cara sempre ocupado em “conspirar e desmerecer quando (ela) rima” enquanto ela “concentrada e na humildade” produz músicas e cria raps. Ocupado em tentar atrapalhar a mina, o cara não trabalhou para conquistar seu espaço como rapper e “ficou pra trás”. Ele “não aceita quando vê que (ela) tá evoluindo”.

Ela, desde o começo, identificou essa hostilidade por parte do mano⁶⁰, o considera “metido, invejoso, problemático, ciumento”, “fraco de espírito”, aproveitador que “vive nas costas dos amigos”, “garoto bobo”, “otário”, “um neném”, “um fraco que se atrasou”. O cara não entende o que ela é por não possuir “discernimento” e especula que “Seu problema comigo, é que eu nunca te dei mole. Só pode ser isso, pra tu atrapalhar meu corre.” Ou seja, a jovem constata que “pelo o que (viu), mulher pra (ele) só interessa o corpo”. Ela reconhece a postura machista do rapaz em tratar mulheres apenas como objetos sexuais, justamente por essa

⁶⁰ Mano=cara, homem, rapaz. Mina=mulher, menina, garota.

visão o cara não entende, não aceita, se incomoda com a presença de mulheres em espaço que considera dos homens.

Há a visão machista e misógina de que as mulheres só devem orbitar pelo hip hop para servirem como parceiras sexuais dos caras e quando há uma quebra dessa expectativa - a recusa da mulher em assumir esse papel submisso de objeto sexual - os homens começam a criar obstáculos para que as mulheres possam desenvolver seus trabalhos.

A rapper tem certo conhecimento dessa situação e propõe: “Meu papo contigo é rap, se quiser e só”. Deixa bem explícito ao cara que manteriam essa relação estritamente voltada para o rap e que não sentiria interesse amoroso por ele “nem que um dia (ela) engordasse”. E age subversivamente quando questiona-se “Será que eu posso entrar?”, não espera resposta e “de qualquer jeito (ela entra)”. Independente da resposta que receberá por seus pares homens ela vai fazer o que quer: rimar. A opinião dos caras para ela é irrelevante.

A forma por ela encontrada para solucionar o conflito: “Eu precisei convocar o ganhão na minha rima. Pedi pra ele rimar, e geral viu que ele nem rima. Mais um no lixo que ainda fala mal das mina.”. A jovem convidou o cara para um duelo de Freestyle, momento em que dois Mc’s rimam de forma improvisada para que o público decida quem rima melhor. Nesse episódio, todo mundo viu que a mina rima melhor. Para a moça, esse é mais um cara que pode ser descartado no lixo como Mc, pois além de ser péssimo rimador e se achar o “ganhão” ainda deprecia o trabalho das rappers.

A mina em momento algum se coloca como inimiga dele. Demonstra segurança ao dizer que não quer roubar o lugar de ninguém no movimento - “Fica tranquilo que eu quero é mostrar o meu talento”. Ela quer ser ouvida e respeitada por seu trabalho. Acredita que há espaço para todos no rap tanto que se dispõe a “ensinar” e o incentiva a produzir suas próprias músicas e a se concentrar no seu próprio trabalho para evoluir como pessoa e artista. Para a rapper o cara vai ganhar muito mais “cuidando do seu” do que se preocupando com o trabalho dela, pois “Quem não faz fica pra trás”.

Depois dessa derrota, o cara parece reconhecer que seu comportamento não está lhe rendendo bons resultados como rapper e também com seus parceiros. Esse duelo marca a mudança de ação do cara que “agora aceita e (fica) na dele

desenvolvendo” seu trabalho. “Aproveitou o exemplo (dela), tá concentrado aprendendo”.

Quanto ao importante refrão, a jovem tem ciência sobre quem corre em direção oposta a si: “Sei muito bem quem são. Correm em outra direção. Vão ter que ter a pureza para interpretar o meu som. Se sou preta ou não, entenda a minha visão. Dos branco eu herdei a cor. Dos preto eu herdei esse dom.”

A mulher pede que as pessoas tenham sensibilidade para ouvir seu rap, não deslegitimando seu trabalho pelo fato de ser branca. Ela demonstra respeito e conhecimento pelo fato do rap ter a presença majoritária de negras/os. Reconhece e admite a influência que a identidade e a cultura afrodescendentes têm em sua vida e música. Enxerga que é fruto de miscigenação, o que lhe rendeu fenótipo das pessoas brancas e as habilidades artísticas das negras.

Ela me disse assim – Flora Matos⁶¹

Chora, quando elas trazem pra mim o chá

O chimarrão e o green⁶².

Rainha preta blimblim, as PIMP, as pu..., as que gostam de mim.

Fazer o quê?

Tô evitando, mas elas querem mais

Do que só me ver,

Querem saber o que a flora faz

Não dá pra entender

Enquanto não provar do meu rap eu não vou dizer

Nem explicar o que a flora faz com tanta mulher

No mundo não enxerga um rapaz que dê pra fechar

Que seja possível botar uma fé, não vou me render

Nem me casar com um cara qualquer

Se o tempo fecha pego na mão de uma dama e já é!

Encontrei uma mina ali

Ela me disse assim: flora me dá um selin⁶³.

Eu pensei não é bem assim!

Ela disse: eu quero sim, tô contigo até o fim

Faz tempo que eu tô afim

Vem comigo, vem ni mim

Ela é pique Rihanna,

⁶¹ Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qjk2mIOVPik>

⁶² Green = cigarro de maconha em seu estado mais natural sem acréscimo de amônia ou outras substâncias

⁶³ Selin = selinho = beijo

Cuidado morena, cuidado minha dama
 Deixa eu te dizer,
 Errado é o ódio, o amor é uma benção
 A gente se abraça, a gente se ama
 Me leva na dança
 Sem muita cobrança.
 Não vai precisar.
 Mulheres se entendem
 Um olhar, um gesto, um sms.
 Sei como é que é quando ela fica carente.
 Ai cê não pode reclamar
 Se um cara faltou alguém mais firmeza poderá chegar
 Carinho pra dar a todas tem,
 Mas também tem que ganhar
 Pra poder sonhar com algo mais concreto que um lar.

É bom avisar que eu não quero a... De ninguém.

Mas se você não cuidar dela, eu cuido dela também óh.

Encontrei uma mina ali
 Ela me disse assim: "flora me dá um selin".
 Eu pensei não é bem assim!
 Ela disse: eu quero sim, tô contigo até o fim
 Faz tempo que eu tô afim
 Vem comigo, vem ni mim.

A letra parece ser autobiográfica devido à exposição do próprio nome da cantora na composição. Parece tratar de um episódio específico de sua vida amorosa. Fala explicitamente da expressão de sua sexualidade e seu envolvimento com homens e mulheres. Flora, o eu lírico, diz sofrer assédio por parte de diferentes mulheres que não se contentam apenas em vê-la. Querem conhecê-la. Deixa certo mistério sobre seu envolvimento com mulheres no trecho: "Enquanto não provar do meu rap eu não vou dizer Nem explicar o que a flora faz com tanta mulher".

A jovem vê com descrença a existência de homens para um relacionamento sério: "No mundo não enxerga um rapaz que dê pra fechar Que seja possível botar uma fé. Não vou me render. Nem me casar com um cara qualquer". Mas não vê um problema nisso, não encara a situação com preocupação, pois "Se o tempo fechar, pega na mão de uma dama e já é". Ou seja, encara com tranquilidade a dificuldade de encontrar caras que correspondam às suas demandas porque há minas que também podem corresponder às suas expectativas.

Encontrou uma mina que lhe pediu um beijo e disse estar interessada por Flora há algum tempo. A menina espera ser correspondida, mas no começo a rapper tem certa hesitação. Ao longo da próxima estrofe, Flora caracteriza uma moça, provavelmente a mesma que a cortejou, como parecida com a cantora norte americana Rihanna. Pede cuidado/calma para a “morena” e lhe diz que “errado é o ódio, o amor é uma benção”. Daqui para frente Flora responde positivamente à investida da “morena” e elas “se abraçam” e “se amam”. Compartilham um momento de afeto bem descontraído e descompromissado enquanto o sujeito lírico pede para “ser levada na dança, sem muita cobrança”.

A protagonista ainda explica um pouco a relação entre minas: “Mulheres se entendem.” a partir de sutilezas presentes em “um olhar, um gesto, um sms”. Isso permite que Flora saiba “como é quando ela (a morena) fica carente”. A personagem se diz aberta para dar carinho para as minas que se interessarem desde que também receba carinho. A reciprocidade de sentimentos é necessária para “poder sonhar com algo mais concreto que um lar”, ou seja, um relacionamento que não se limite apenas ao desejo de dividir um teto.

Por essa leveza na relação entre mulheres, o sujeito lírico alerta os homens que “se um cara faltou alguém mais firmeza poderá chegar”. Esse alguém pode ser uma mulher que alcance as exigências de Flora ou de outra mulher. Há ambiguidade nesse conselho: “É bom avisar que eu não quero a de ninguém. Mas se você não cuidar dela, eu cuido dela meu bem”. É uma via de mão dupla, considerando que Flora tanto pode trocar o cara que não é firmeza por uma mulher quanto pode ser a mulher que vai cuidar bem da namorada do cara que não soube cuidar de sua mina.

Flora Matos faz músicas de diversas temáticas: relacionamentos, o ambiente hip hop e o machismo nele presente, migração em busca de melhores condições de carreira, amor, saudade, relações familiares, sonhos, conquistas e desafios, críticas sociais a estrutura da população brasileira... Essa diversidade de assuntos em suas letras favorece a identificação do público, que não faz parte das camadas populares. A rapper tem uma boa relação com a mídia de massa e possui discursos de viés feminista nítidos em seu trabalho e também em suas declarações em redes sociais e em matérias jornalísticas.

3.3 BELLADONA

Grupo de Brazlândia formado em 2004 por Rayla e Taty nos vocais e Dj Janna⁶⁴. Lançaram o disco “A Flor da Pele” em 2014 e ganharam o prêmio Hip Hop Zumbi 2012 na categoria Mulher no Hip Hop. A partir de fotos e das letras do grupo pode-se afirmar que as meninas são de condições econômicas limitadas, moradoras da quebrada e se autodeclaram como mulheres negras. O nome do grupo foi escolhido devido a uma flor conhecida popularmente como Bela Dona - planta com propriedades alucinógenas e fitoterápicas.

O grupo fez várias parcerias com outros grupos contemporâneos de rap do DF. Entre eles, Os Pacificadores, 3 Um Só, Tribo da Periferia, a equipe de produção Kamika-z, Fase Oculta... As meninas reconhecem a grande influência que a Tribo da Periferia e o 3 Um Só possuem em sua trajetória musical⁶⁵. Como outros grupos de referência, Cirurgia Moral e Álibi.

Não se classificam como rap gangster, apesar de serem associadas a tal estilo. Não gostam de assumir esse rótulo, pois preferem ter liberdade para tratar de temas que fujam ao estilo gangsta. Acreditam que o rap deve se expandir e ser ouvido por pessoas diversas, com diferentes origens, posições políticas e sociais. O último disco lançado pelo BellaDona contém vários temas, mas centra-se sobre a realidade da quebrada e histórias envolvendo a criminalidade.

O Jogo Virou – BellaDona⁶⁶

O jogo virou e hoje o que eles quê, ela tem
Tem fight⁶⁷, tem bright⁶⁸, citroen⁶⁹

⁶⁴ Informações biográficas do grupo encontradas em um vídeo e no Facebook oficial das jovens. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WUowFkKTaY>> <https://www.facebook.com/BellaDonaDF/info?tab=page_info>. Acesso em: 01 jun. 2015.

⁶⁵ Em entrevistas para programas virtuais sobre o hip hop do DF, as três mulheres não deixam de mencionar e de agradecer à esses dois grupos masculinos. Explicam tanto da origem do nome do grupo. Entrevistas disponíveis em: 1) <https://www.youtube.com/watch?v=NCyeI8igddc&list=PLdksENwo-_C6n-MrXCsx82AzgVXs7kU6L&index=2> e 2) <https://www.youtube.com/watch?v=JjVDcW7t40M&list=PLdksENwo-_C6n-MrXCsx82AzgVXs7kU6L&index=3>. Acesso em: 01 jul. 2015.

⁶⁶ Música disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jc8CKa8DrEk>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

⁶⁷ Fight provavelmente se refere a “correrias”. Correrias são denominação para alguma prática criminosa tipo tráfico de drogas ou assaltos. Um sinônimo para fazer correria é mandar a fita em alguém.

⁶⁸ Bright = cocaína.

⁶⁹ Citroen é uma marca de carros muito valorizada na quebrada por seus modelos esportivos e luxuosos.

Tem o prazer e a lombra que faz bem
Ela tem...

Ela é da night, dos flash, do mundo de confete
Disposição pra encarar o frevo⁷⁰ até as sete
Suicide girls⁷¹ que num se ilude com céu
Nasceu pra viver no trono e não no banco dos réus
Ela tem classe instinto nato que te domina
Não é só face mas o seu corpo também fascina
Tá no impasse que hoje ela tá de bandida
A mente sabe o que fazer com quem a intima
Cansou de ter o desprazer sem merecer
Agora junta com as amiga tá pronta pro rolê
Já deu pra ver que neguinho tá querendo envolver
Quando ela chega ela te passa sensação de poder

Ela tem charme e a manha de seduzir vagabundo
E neguim vem na cautela usufruir disso tudo
Ah ah ah, pega o bonde que esse caô nem cola
Já ouviu falar de scarpin dá uma olhada na sola
A noite começa agora e ela quer só curtir
De birinight⁷², red label⁷³ essa mulher êxtase
Prazer com a de amor mas cê num toca na flor
Só pensa em cama, espalha a fama dizendo que já pego
No display do radim⁷⁴ são mais de trinta ligações
Sinto muito neguim mas cê tem outras opções?
Que cuidar do jardim sem nem ter condições
Na intenção de Caim como você tem milhões

Modelo sexy essa garota chama a cobiça
Mas não é qualquer um que leva ela pra pista

⁷⁰ Frevo = festa.

⁷¹ Suicide Girls (SG) é um grupo internacional de mulheres que promove vídeos, ensaios fotográficos, reportagens para exaltação/valorização de seu próprio corpo que costuma ter tatuagens fora do padrão estético hegemônico. As participantes costumam ter tatuagens, piercings, cabelos coloridos e lisos e pele branca e reproduzem um padrão de vestimenta e comportamento de pin ups. Ler sobre pin ups em: <<http://super.abril.com.br/cultura/o-que-e-uma-pin-up>>. Acesso em: 01 jul. 2015. Sobre o grupo suicide girls, há um vídeo emblemático e muito rico sócio-antropologicamente, realizado por um canal na plataforma de vídeos YouTube, chamado Coronhada. Esse canal de vídeos é apoiado pelo site Testosterona, “um blog de humor sobre o universo masculino com objetivo de informar e divertir seu público” definição do site em questão disponível em: <http://www.testosterona.blog.br/sobre/> O site apresenta textos machistas e misóginos. O vídeo foi realizado em uma festa que promovia o encontro de participantes do grupo SG e o repórter por meio de perguntas direcionadas a essas mulheres tenta expor quem são as suicide girls. Tenho minhas ressalvas quanto à forma como o vídeo foi feito e a abordagem dada à temática. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A4ZAI6JszPE>>. Acesso em: 01 jul. 2015. Portais oficiais do SG disponíveis em: 1) <<https://suicidegirls.com/>> e 2) <<https://instagram.com/suicidegirls/>> Acesso em: 01 jul. 2015.

⁷² Bebida alcoólica de limão.

⁷³ Marca de Whisky.

⁷⁴ Referência a tela do celular que mostra as ligações perdidas.

Uma bela vista, mas por dentro um coração de gelo
 Na malícia a maldade refletida no espelho
 Cê que conselho paga o preço entende o seu lugar
 Ela é uma flor, mas cê num é o beija-flor que vai beijar
 O seu perfume no ar aguça todos os sentidos
 Pode até fantasiar mas não vai ser correspondido
 Ela esbanja o que tem é sensual seu sorriso
 Não é mulher de pegar é de se ter compromisso
 Faço neguinho chapar porque sou do mesmo tipo
 O jogo dela é ganhar e é isso que eu valorizo

 O jogo virou e hoje o que eles quê, ela tem
 Tem fight, tem bright, citroen
 Tem o prazer e a lombra que faz bem
 Ela tem...

A letra fala sobre uma mulher independente dos homens. Anteriormente, estes possuíam bens de consumo. Atualmente “o jogo virou”, a realidade é outra. Agora há a possibilidade de mulheres terem acesso parecido, não igualitário, a esses bens. Assim “tudo o que eles (querem), ela tem”. Ela “tem fight, tem bright e citroen”. Ou seja, ela tem dinheiro advindo de ações criminosas, acesso a drogas como cocaína e carro esportivo. Em composições masculinas, é recorrente e explícita a valorização de dinheiro, carros, drogas e armas. Aqui, há uma mulher que conquistou esses bens por mérito próprio.

Acostumada com “a *night*, os flash e o mundo de confete”, a mulher em questão nasceu para ter posição de destaque e liderança – “nasceu para viver no trono e não no banco dos réus” e “quando ela chega [...] te passa sensação de poder” – e não para acabar na prisão. Essas características explicitam uma personalidade decidida, com grande força de vontade para alcançar seus objetivos e que não se submete a ninguém. Já nasceu “com classe e instinto nato” de vencedora e “a mente sabe o que fazer com quem a intima”.

Essas peculiaridades a diferenciam de outras mulheres, pois tem um comportamento usualmente associado a homens. Em nossa sociedade patriarcal e machista, é esperado que quem assume essa postura de liderança, empreendedorismo, sede de poder, delegação de tarefas, seja sempre a figura masculina. À mulher, cabe a posição social de subordinação ao homem, obediência e submissão às suas vontades, comportamento dócil e sem enfrentamento direto.

A mina impõe respeito nos caras e também nas minas. Ao mesmo tempo em que assusta, causa admiração. Tem uma aparência física “sensual”, que “fascina” os homens e “ela tem charme e a manha de seduzir vagabundo”. Todos querem “se envolver” e ter oportunidade de se relacionar com ela: “(Você) só pensa em cama, espalha a fama dizendo que já pegou”. Em diferentes momentos da composição há a negação dessa possibilidade de envolvimento: “Não é qualquer um que leva ela pra pista”; “ela é uma flor, mas você não é o beija-flor que vai beijar”; “Pode até fantasiar, mas não vai ser correspondido”.

Os dois motivos principais para a indisponibilidade dessa mulher são: 1) não há homem que tenha os pré-requisitos necessários para corresponder aos seus desejos: “você quer cuidar do jardim sem nem ter condições?”; 2) ela não é mulher para se envolver de forma casual e descompromissada por apenas uma noite: “Ela não é de pegar é de se ter compromisso”.

Cansada de relacionamentos em que não era respeitada e correspondida por seus namorados - “(cansou) de ter o desprazer sem merecer agora junta com as amiga tá pronta pro rolê” – dá maior atenção para as amigas e gosta de ir para festas “curtir”. É provável que essa decepção tenha sido causa para o desenvolvimento de “um coração de gelo”. A mulher se tornou fria, que não acredita mais em relacionamentos com a mesma facilidade que antes. Aqui, há também um exemplo de socialização entre mulheres que não de hostilidade, competição e rivalidade para a conquista de homens.

A mulher também tem o respeito e a empatia por parte do sujeito lírico da composição que também é uma mulher: “Faço neguinho chapar porque sou do mesmo tipo. O jogo dela é ganhar e é isso que eu valorizo”. A letra traz uma mulher falando sobre outra de forma positiva. Uma considera a outra “firmeza” e “mina responsa” que merece respeito e estima. Essa é uma imagem quase inexistente nas letras compostas por homens, mas frequente em composições de mulheres. Os rappers tentam alimentar a rivalidade e animosidade entre mulheres, enquanto as rappers tentam quebrar essa representação.

Entorpece – Belladona e Nae Araújo

Sempre mexendo com sua mente eu provoco delírio.

Se perde no lance envolvente, só sente comigo.

Se sabe a causa e o efeito que eu te provoco.
Alucina daquele jeito, do jeito que eu gosto.
O perfume na noite entorpece.
Esse jeito louco entorpece.
Nesse jardim amor bandido cresce.
Entorpece.

Quando me viu sabia que tinha algo diferente.
Se páh nem disfarçou, se aproximou, sorriu, né tente?!
Metido a Don Juan da preta virou fã.
É, é do tipo bam bam bam e quem sabe amanhã?
Eu? Eu sou quem te entorpece.
Tu jura que ganha. Pede um drink. Dá um clica.
Admite que a preta tem a manha.
Ela é livre, astuta, atrevida e tem mais
Ela é chique, linda, requinte, sagaz.
Do tipo única, é! Toda mulher aqui se sente assim.
Essa flor tá lúcida mesmo regada a bacardi.
Fará ofusca os bico tão cego mesmo.
Mulher não é fruta. Então não finge que não tá entendendo.
Confunde não que é zica.
Contém anfetamina.
Pulso de quem domina, jeito, raça, a nega é fina.
Vem, mas não subestima.
Vacila que o jogo vira.
Quer fight⁷⁵ entra na fila.
Hey pode me chamar de dia.
Eu quebro o padrão da TV.
Sou bem maqui e tu pode ver.
Ganhei sensação de poder. Ah quem se atrever!
É esse meu jeito que injeta adrenalina em você.
Se pagar pra ver vai sentir a nega te entorpecer.

⁷⁵ Fight = briga

Vim lá do gueto estricnar do jeito certo no errado.
Sonho com o jardim do éden e realizo no cerrado.
Do tipo atrevida, do tipo misteriosa, exótica.
Vem toda prosa a menina tendenciosa.
Aqui tem sempre uma vibe que contagia na *night*.
Não vai ser fácil, cê sabe. Não vai ser tipo não passe.
BellaDona tem classe.
Se alucinado mais tarde.
Mas eu autografo o encarte pra matar sua saudade.
Papoula sente o perfume. Adrenalina nos une.
Eu vou fazer que cê jure que morre até de ciúme
Sempre que me vê no palco,
Sempre que ponho meu salto,
Sempre que passo de carro curtindo um rap bem alto.
Aqui tem mais que um decote.
No meu barulho cê num dorme.
Não vai pensando que é trote, se eu te ligar deu sorte.
Na linha top nós sobe.
E nesse clima que envolve.
Espero que não se importe.
Se eu canto tribo traz sorte.
Paixão pelo perigo. Na noite tá de bandida.
Tá sempre vip na lista.
Se tem conceito é bem-vinda.
Fascínio a primeira vista, to proibindo cobiça.
'Cê' pode olhar que eu deixo, que eu já me vesti de malícia.

Sempre mexendo com sua mente eu provoco delírio.
Se perde no lance envolvente, só sente comigo.
Cê sabe a causa e o efeito que eu te provoco.
Alucina daquele jeito, do jeito que eu gosto.
O perfume na noite entorpece.
Esse jeito louco entorpece.
Nesse jardim amor bandido cresce. Entorpece.

Trata-se de duas mulheres que sabem o poder que têm com o público masculino. “Sempre mexendo com (a) mente, provocam delírio”. São “atrevida(s), misteriosa(s), exótica(s)”, “livres, astutas, chiques, lindas, sagazes”. Possuem “classe e requinte” e “algo diferente”. É uma mensagem aos caras que sentem-se atraídos por elas. Permitem que as olhem, pois saíram “vestidas de malícia” conscientes das “causas e efeitos” que “entorpecem” os homens.

A primeira das narradoras traz identificação e autoafirmação muito forte como mulher negra, ao se intitular e enaltecer-se como nos trechos: “admite que a preta tem a manhã”, “pulso de quem domina, jeito, raça, a nega é fina”, “se pagar pra ver vai sentir a nega te entorpecer”. Percebe ainda que não se enquadra nos padrões estéticos e comportamentais das representações da mídia televisiva: “Eu quebro o padrão da TV”. Possui uma visão de si positiva e diz que “toda mulher aqui se sente assim”, ou seja, podemos apreender dessa fala que as mulheres que estão próximas a ela também sentem-se empoderadas e orgulhosas com suas origens e aspectos físicos.

Alertam que, caso sejam confrontadas, não fugirão. Aconselham e explicam como as coisas funcionam: “Vem, mas não subestima. Vacila que o jogo vira. Quer *fight* entra na fila”. Se forem desrespeitadas (com algum vacilo/erro) responderão com desrespeito também. Há, novamente, a mulher dona de si, consciente de seus desejos, autônoma, independente, emancipada, como o centro das atenções, detentora de poder, sensual e vaidosa. De forma geral, as letras do BellaDona representam as mulheres assim, como sujeitos de ação e presentes também na criminalidade como agentes e não como cúmplices ou vítimas. Enfim, pessoas de muita força e garra, guerreiras.

3.4 MC LANA ARLEQUINA⁷⁶

Da Região Administrativa de Samambaia, Lana Arlequina começou a carreira no ritmo funk com um grupo chamado “As Panteras do Funk”. O grupo de funk era

⁷⁶ Todas as informações biográficas sobre Lana Arlequina foram encontradas em suas plataformas oficiais no Facebook e no Palco MP3. Disponíveis em: <<http://palcomp3.com/aspanteras dofunk/info.htm>> e <https://www.facebook.com/MclanaOficial/timeline?ref=page_internal> Acesso em: 01 jul. 2015.

constituído por Lana e outras duas mulheres, que dançavam e se apresentavam em festas e shows no DF e localizações próximas.

Em minhas pesquisas⁷⁷, observei que Lana era a única do grupo de funk que cantava e, provavelmente, era a única compositora - as outras duas mulheres apareciam sempre acompanhando Lana como dançarinas. Lana Arlequina demonstra versatilidade e habilidade também no rap desde 2012. Já fez parceria com diversos grupos e cantores de rap como: Pacificadores, Sond play, Jota, Discriminados, Hungria...

Mc Lana Arlequina parece ter origem humilde com limitação de recursos financeiros. É socialmente reconhecida como branca e parece auto-identificar-se como branca. Apresenta-se publicamente sempre de forma sensualizada, com roupas curtas e muito justas. Possui uma forma diversa de posicionar-se no ambiente hip hop. Dentre todas as cantoras escolhidas neste estudo, Lana Arlequina é a com características mais “erotizadas”.

Pode-se perceber, nas composições, que seu discurso tem viés feminista, no sentido de que defende a autonomia da mulher sob seu próprio corpo. No entanto, há também reprodução de machismo quando afirma a existência de “mulheres banda” e “mulheres vulgares” como forma de diferenciar-se delas. Por mais que ela se vista de uma forma sensual, ela não quer ser vista como “vulgar”, pois seu comportamento não é igual ao de “minas banda”.

Chama a atenção a escolha por Arlequina como nome artístico. De acordo com o dicionário *online* Priberam⁷⁸: “Arlequim substantivo masculino 1) Personagem cômico da atual comédia napolitana e da antiga italiana; 2) [Popular] Palhaço, saltimbanco”. Optar pelo seu feminino é uma referência à sua personalidade descontraída, bem como Arlequina é o nome de uma personagem dos quadrinhos do super-herói Batman⁷⁹. Esta é a amante do maior inimigo de Batman, o vilão Coringa. A personagem destaca-se por sua grande inteligência, sensualidade e eficiência em cometer crimes. É reconhecida nos quadrinhos e desenhos animados

⁷⁷ Minhas pesquisas sobre o grupo levaram a vários áudios e algumas fotos de show. Nas fotos, as moças aparecem sempre dançando e seduzindo o público masculino de suas apresentações. Nessas imagens Lana é a única que aparece com o microfone em mãos o que me faz acreditar que além de manter a interação com o grupo, Lana seja a única cantora do trio. Nas músicas que são do grupo, apenas Lana canta e não há como afirmar a autoria das letras.

⁷⁸ Acessar definição completa em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/arlequim>> Acesso em: 01 jul. 2015.

⁷⁹ Informações sobre essa personagem disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/arlequina-\(harleen-frances-quinzel\)/1706](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/arlequina-(harleen-frances-quinzel)/1706)> Acesso em: 01 jul. 2015.

como uma das “Rainhas do Crime” de Gotham City⁸⁰. A confirmação de que agregar Arlequina em sua alcunha tem ligação com essa personagem está nas antigas imagens de seu site oficial⁸¹.

Fidelidade – Lana Arlequina e Mano Kadin

Casal de vagabundo tipo Bonnie e Clyde

Correria⁸² hoje, sucesso mais tarde.

Até banco, “nóis” invade.

Não é pra qualquer um,

Armado até a alma, as rollypoint e as dum-dum⁸³.

Parceria forte na vida e na morte.

Desacredita, tenta a sorte.

Casal de vagabundo atrás de adrenalina.

Com todo prazer, Duck e Arlequina.

Na antiga Bonnie e Clyde atrás do dinheiro

Fidelidade sempre vem primeiro.

No corre eu sou o chefe, no quarto ela comanda.

Postura na rua, vagaba⁸⁴ na cama

No carona ou no garupa, bem acompanhado

Igual a bala no tambor ou o pente lotado.

Estar bem protegida é tudo o que ela quer.

Atrás de um grande homem uma boa mulher.

⁸⁰ Gotham City é a cidade/mundo fictício onde a história do Batman acontece.

⁸¹ Imagens disponíveis em: <https://www.facebook.com/MclanaOficial/photos_stream> Acesso em: 01 jul. 2015.

⁸² Correria é uma gíria, um termo utilizado para denominar quem está levando a vida envolvido com a criminalidade. Corre é um termo para se referir as atividades criminosas em si. Por exemplo: 1) “Vou ali fazer um corre de bright”. Significa que a pessoa vai receber ou entregar uma encomenda de cocaína para alguém. 2) “Esse daí é da correria. É tanto corre que nem dá pra contar quantos ele já fez”. Significa que o homem leva uma vida criminosa com diversos delitos em sua trajetória. Corre é uma palavra genérica que pode simbolizar diversos crimes.

⁸³ Referências a certos tipos de armas.

⁸⁴ Vagaba = vagabunda = puta

Esse vagabundo é meu
 Par perfeito.
 O seu olhar fatal foi como o tiro no peito.
 Comparsa, companheiro, marido e amante.
 A confiança o nosso diamante.
 Não procura na rua porque em casa não falta.
 Pegada que estremece moral sempre em alta.
 Distante das algemas, não usamos aliança.
 Conheço o teu calibre já me traz confiança.
 Te faço cobertura eu linha de frente.
 Malícia no olhar, sintonia na mente.
 O meu amuleto é sua atitude
 A fidelidade nossa maior virtude.

Casal de vagabundo tipo Bonnie e Clyde
 Correria hoje, sucesso mais tarde.
 Até banco, “nóis” invade.
 Não é pra qualquer um,
 Armado até a alma, as rollypoint e as dum-dum.

A música revela a dinâmica do relacionamento entre um casal de criminosos. O “casal de vagabundos” toma como referência o casal de criminosos Bonnie e Clyde. Estes alcançaram fama mundial devido a assaltos a banco e outros crimes no início da década de 1930 nos Estados Unidos⁸⁵. A referência a Bonnie e Clyde é recorrente em raps que querem retratar um relacionamento amoroso entre pessoas que praticam crimes juntos.

O crime para o casal aparece como uma possibilidade de ascensão social e econômica, com garantia de sucesso no futuro. Com porte de diversas armas, o casal comete assaltos inclusive a bancos em busca de dinheiro. Os sujeitos líricos demonstram entrega e envolvimento total um com o outro. Há correspondência no amor. O eu lírico masculino caracteriza sua namorada como detentora de “postura na rua”, mas com comportamento de “vagaba na cama”. Essa representação,

⁸⁵ Ler mais em: <<http://jornalggn.com.br/noticia/a-historia-de-bonnie-e-clyde>> Acesso em: 01 jul. 2015.

recorrente no rap gangster, é a de uma “mulher perfeita”. Socialmente deve se comportar com “decência”, mas, na vida íntima, a mulher deve ser capaz de satisfazer os desejos do homem. O sujeito lírico feminino concorda com essa função feminina e acredita corresponder a essa expectativa, uma vez que “(ele) não procura na rua porque em casa não falta”. O companheiro não busca sexo com outras mulheres, pois sua namorada o satisfaz.

Há uma divisão nas tarefas e funções de acordo com o gênero dos sujeitos líricos. “No corre eu sou o chefe, na cama ela comanda”. O homem exerce posição de liderança nas escolhas e ações criminosas cometidas pelos dois. Enquanto a mulher toma a frente da situação apenas nas relações sexuais dos dois com o objetivo de satisfazer o rapaz. Os dois são “comparsas, companheiros, marido (e mulher) e amantes”. A relação é satisfatória a ambos. A relação gira em torno dos sentimentos subjetivos dos dois de segurança, parceria, confiança, paixão, cumplicidade... O sentimento mais importante e valorizado por eles é a fidelidade em todos os aspectos.

Prioridade ou opção – Discriminados e Lana Arlequina

Você vai sentir na pele tudo o que eu sofri
 O mundo gira e hoje você vem atrás de mim
 Recordar o passado não importa, não dá mais
 Me fazer feliz você foi incapaz.
 Quantas noites frias sozinha na solidão
 Chorei sua falta magoou meu coração
 Você não entende que eu não quero mais você
 Sai da minha vida eu só quero te esquecer.

Eu gosto de você, mas você não me dá valor
 Brinca com meus sentimentos e com o meu amor
 Eu não entendo por que você faz isso comigo
 Troca minha companhia pelos seus amigos
 Ultimamente eu ando triste e magoada
 Ninguém imagina a dor de uma mulher não ser amada
 Eu estou sofrendo e você é o grande responsável
 Estragou minha vida e me deixou nesse estado.

Isso não é coisa que se faça com uma namorada
 Mulher gosta de carinho e de ser amada

Infelizmente você tá fazendo tudo errado
 Suas atitudes são de um covarde e um otário
 Insensível não dá valor em quem te ama
 Que só faz carinho quando a gente tá na cama
 Me responda do fundo do seu coração
 Se eu sou pra você prioridade ou opção?

Você vai sentir na pele tudo o que eu sofri
 O mundo gira e hoje você vem atrás de mim
 Recordar o passado não importa, não da mais
 Me fazer feliz você foi incapaz
 Quantas noites frias sozinha na solidão
 Chorei sua falta magoou meu coração
 Você não entende que eu não quero mais você
 Sai da minha vida eu só quero te esquecer

Você sabe que se sem você eu não sei viver (homem)
 Sai da minha vida eu não quero mais te ver (mulher)
 Não diga isso amor eu te amo de verdade (homem)
 Então por que não aproveitou sua oportunidade? (mulher)
 Eu juro que eu vou mudar meu comportamento (homem)
 Agora é tarde pra você e eu só lamento (mulher)
 O que vai ser da minha vida agora sem você (homem)
 Pergunta o seus amigos eles vão te responder (mulher)
 Vamos conversar e encontrar uma solução (homem)
 Não tem mais jeito eu já tirei a minha conclusão (mulher)
 Para com isso amor sei que existe uma saída (homem)
 Eu não te devo mais satisfação da minha vida (mulher)
 Eu não aceito que o final seja desse jeito (homem)
 Você que quis assim então pagou um alto preço (mulher)
 Me desculpa amor, vai , eu te peço perdão (homem)
 Não existe mais prioridade ou opção (mulher)

Você vai sentir na pele tudo o que eu sofri
 O mundo gira e hoje você vem atrás de mim
 Recordar o passado não importa não da mais
 Me fazer feliz você foi incapaz
 Quantas noites frias sozinha na solidão
 Chorei sua falta magoou meu coração
 Você não entende que eu não quero mais você
 Sai da minha vida eu só quero te esquecer

Antigamente você vinha com aquela historia de que tudo acabou
 Hoje tá aí se humilhando e implorando pelo meu amor

Eu quero que você entenda que eu não quero mais nada com você
 E a única coisa que eu quero nessa vida seu otário
 É simplesmente te esquecer

A composição retrata o término de um relacionamento. A mulher, após sentir-se triste, sozinha, desvalorizada, magoada, não correspondida e tratada como opção e objeto sexual, vive um momento de epifania. Não quer continuar sujeitada a essa situação e termina o namoro. A personagem consegue sozinha, após passar por um processo doloroso e desgastante no relacionamento, perceber que não podia continuar namorando esse rapaz que “só fazia carinho quando (estavam) na cama”. Ou seja, o homem negligenciou o relacionamento e só demonstrava afeto quando mantinha relações íntimas. Priorizava a amizade de outros homens em detrimento da companheira. O sujeito lírico estava em situação de violência psicoemocional e conseguiu emancipar-se dessa vivência.

Vendo que perdeu a namorada, o jovem demonstra arrependimento, pede perdão, diz que vai mudar de comportamento e clama por mais uma chance. No entanto, é tarde demais, pois a jovem está convicta de que ficará melhor sem ele. Para ele, a mulher reserva o local do esquecimento.

Aqui há um relato comum envolvendo relacionamentos. Em outros rap's, tanto de homens quanto de mulheres, sempre há essa situação em que um dos cônjuges desmerece os sentimentos do outro. A pessoa não correspondida, após momentos de sofrimento, finalmente se liberta dessa relação não saudável. A pessoa negligente, depois de perceber seus erros, volta para tentar ressuscitar o relacionamento. Esse quadro é um tema universal na música como um todo.

Não caio no seu jogo – Pacificadores e Lana Arlequina

Pro baile hoje ela vem e já começou
 Onde ela vai eu sei que eu vou
 Muitos querem pegar também, ela não dá moral
 Ela é linda e me enfeitiçou
 Ela não quer, é mal, não dá moral
 Só quero mostrar quem eu sou
 Ela não quer, é mal, não dá moral
 Só quero mostrar quem eu sou.

Ela não é daquelas que quer lança, bira e pó⁸⁶.

Quando me aproximei com as nota de cem
 Bancando de patrão, eu me enganei
 Ela me disse não, não foi o que pensei
 Ela não é daquelas que me acostumei não

Só uma noite amor, o que quiser eu dou
 No esquema chique, meu convite
 Te arrastar pros frevos onde eu vou.
 Hoje você me tem, amanhã não lembro bem
 O que eu quero você sabe uma noite no harém
 Frevo de banda é compromisso até de manhã
 Linda é fã do proibido te pego maçã
 Hoje você me tem, amanhã não lembro bem
 Sete mulher pra cada homem vem pro meu harém

Hoje eu vou pro baile os malandro quer bancar
 No interesse de mais tarde no meu corpo navegar
 Vai pensando que é facin⁸⁷
 Não é bagunçado assim
 Quer botar pra mim cheirar, quer passar a mão em mim.
 Mas aí seu dinheiro não me compra não dá nada
 Vai pensando que é fácil
 Eu não sou banda e nem safada
 Que se vende por bebida, carro, luxo e grana
 Não caio no seu jogo de me usar levar pra cama
 O meu lance é sentimento, não ficar por um momento
 Me julgou pelos meus frevos
 Quer pegar e jogar no vento
 Só lamento pra você, pode olhar mas não vai ter
 Quem vive botando banca as vezes não sabe meter

Pro baile hoje ela vem e já começou
 Onde ela vai eu sei que eu vou
 Muitos querem pegar também, ela não dá moral
 Ela é linda e me enfeitiçou

Ela não quer é mal, não dá moral
 Ela não é daquelas que quer lança, bira e pó.

Há um encontro entre um homem e a mulher por quem ele nutre interesses sexuais. Essa mulher é cobiçada por diversos homens, mas não se envolve com

⁸⁶ Lança = lança perfume

Bira = bebida alcoólica

Pó = cocaína

⁸⁷ Facin = diminutivo de fácil.

nenhum deles. “Não dá moral” para nenhum cara banda⁸⁸. Por essa negação aos gracejos, ficou descrita como “malvada”. Há o depreciar as mulheres que dizem “não” às investidas amorosas, conforme exposto no capítulo 1.

O sujeito lírico masculino tenta se aproximar da moça, demonstrando que possui dinheiro para bancá-la. Quando é rejeitado, fica surpreso por ela apresentar comportamento contrário ao habitual dele. “Ela não é daquelas que quer lança, bira e pó”, ou seja, ela não está interessada em homens que possam proporcionar o uso de lança perfume, bebidas alcoólicas e cocaína.

Novamente há a representação da “mina banda”, que caracteriza qualquer mulher que se envolva com homens pelos seus bens de consumo. Geralmente os desejos desse tipo de mulher “vulgar” são ter acesso a drogas, dinheiro, festas e luxo proporcionados pelo companheiro do momento, que costuma estar envolvido com práticas criminosas. Em troca desses bens, a mulher deve corresponder aos seus desejos e expectativas sexuais. Mulheres com essa conduta são ainda chamadas de “mulher de malandro”.

Além de tentar abordar a mulher com a ostentação de dinheiro, o rapaz fala de seus anseios de tê-la por uma noite em seu “harém”. Ele fala mais sobre sua rotina de festas, utilização de drogas e feitos sexuais com uma grande quantidade de mulheres. Dá destaque justamente para seu hábito e sua satisfação em ter envolvimento casuais. O eu lírico masculino assume a imagem do “garanhão”, do “putão”, do galanteador, que está sempre disponível para práticas sexuais que não resultem em compromisso. Enxerga as mulheres como objetos que podem ser usados e logo descartados.

Por último, a fala do eu lírico feminino, que contraria essa imagem de “mina banda” associada a ela. Demonstra total consciência na atitude dos “malandros” em lhe oferecerem drogas com o intuito de usá-la como objeto sexual. Desmistifica a ideia de que, por frequentar esses “frevos de banda”, possa ser tratada e usada como “mina banda”. O que ela quer é se envolver quando tiver sentimentos reais pela pessoa. Quando diz que não é “banda e nem safada” explicita que, além de não ser interesseira, ela não está a fim de ter momentos casuais em busca de satisfação física. Postura corroborada na frase “o meu lance é sentimento, não ficar por um

⁸⁸ Moleque ou cara banda são homens envolvidos com ações criminosas e drogas.

momento”. Diante da vontade dos homens de “querer pegá-la e jogar no vento”, o sujeito lírico feminino não se rende.

As letras de Lana Arlequina falam muito sobre relacionamentos amorosos e sobre práticas e valores das pessoas que vivem “na correria”. Há momentos de aproximação e outros de total negação da forma como os homens machistas representam as mulheres.

4 O RAP É COMPROMISSO!⁸⁹

Esse capítulo explora de forma detalhada a trajetória de vida de Vera Verônica⁹⁰, pioneira do rap no Distrito Federal, e suas percepções acerca da presença de mulheres no movimento. A moça de 36 anos participa do hip hop desde os 11 anos de idade. Considerando seus 25 anos como integrante da cultura hip hop local, Vera viveu quase a totalidade da existência do hip hop no Distrito Federal⁹¹. Acompanhou a formação e o desenvolvimento de alguns grupos locais importantes como Câmbio Negro.

Vivenciou concursos de *break*, os bailes⁹², o primeiro concurso de hip hop do DF, as diferentes formas de produção musical (fazendo inclusive um curso de DJ) ao longo dos anos, *shows* importantes para o rap brasileiro, viagens para São Paulo para conhecer o cenário paulista, entre várias outras coisas. Acumulam-se em sua carreira, inúmeros shows, palestras, viagens, parcerias musicais, dois álbuns independentes de estúdio, várias entrevistas e reportagens na mídia e o reconhecimento de tantos anos de trabalho.

Ponderando seu caminho traçado na cultura hip hop e o recorte de gênero deste estudo, Vera Verônica é pessoa com grande acúmulo de experiência, capaz de contribuir para os objetivos dessa pesquisa. Pareceu-me a artista mais adequada para a realização da entrevista também por sua postura receptiva e compreensiva com pessoas do meio acadêmico.

Por problemas pessoais de ambas, tivemos dificuldade em estabelecer uma data para a entrevista. Nosso encontro aconteceu em seu atual ambiente de trabalho: a organização governamental do Distrito Federal Bsb Criativa. A instituição “pretende desenvolver a economia criativa e oferecer [...] consultorias e cursos para

⁸⁹ “O rap é compromisso” é frase famosa do rapper Sabotage. Defendia que rap é comprometimento com a causa e com a cultura hip hop, carrega a significância de “viver” o rap “24 horas por dia”. A escolha por esse título é uma homenagem póstuma ao seu autor e justifica-se por eu jamais ter encontrado alguém no hip hop que levasse essa mensagem de forma tão séria e coesa quanto a rapper Vera Verônica.

⁹⁰ O material utilizado como base para a elaboração desse capítulo foi uma entrevista semiestruturada com a rapper e bibliografia indicada e disponibilizada pela própria Vera de seu acervo pessoal. Segundo ela, há grande procura de pessoas do meio jornalístico e acadêmico por sua história. Sempre receptiva Verônica colabora com todos e em contrapartida recebe destes os materiais produzidos sobre sua trajetória.

⁹¹ Considera-se que existe hip hop no DF desde 1985, aproximadamente.

⁹² Bailes = festas. Baile também pode ser associado ao “lazer”, momentos de confraternização acontecidos em ruas de regiões administrativas em que as pessoas bebiam, usavam outras drogas, dançavam, conversavam...

empreendimentos e empreendedores que atuam no DF”⁹³. Verônika trabalha na parte organizacional dos cursos gratuitos que a Bsb Criativa promove.

Nossa reunião teve duração aproximada de uma hora. Estávamos sozinhas em uma das salas do prédio da Bsb Criativa localizado no Conic, área central de Brasília (DF). A entrevista foi gravada para posterior análise do material coletado. A entrevista seguiu um roteiro semiestruturado dividido em quatro partes: 1) Identificação; 2) Trajetória de vida; 3) Sobre o rap e 4) Mulheres do rap. Não foi possível seguir o roteiro totalmente, pois suas respostas já perpassavam por mais de um dos quatro eixos levantados.

Sobre sua trajetória de vida, mais especificamente, episódios marcantes de sua infância e adolescência, Vera mostrou-se pouco disposta a falar por já ter “falado sobre isso mil vezes para a mídia e pesquisadores”. Desculpou-se por “não dar o seu melhor” na dinâmica, pois tem passado por alguns problemas de saúde que a deixam muito cansada, às vezes indisposta.

As respostas recebidas são todas na primeira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural. Vera Verônika foi muito simpática durante a entrevista. O sujeito lírico de suas letras costuma ser ela mesma. Para ela, “só dá pra fazer um rap sobre alguma coisa que aconteceu com você ou sobre alguma coisa que você presenciou, seja uma amiga sofrendo racismo, seja você falando das suas origens...”.

No encarte de seu álbum de 2003, traz uma citação acadêmica de Guimarães (1999 apud VERÔNICA, 2003) que coincide com sua opinião sobre o que é o rap:

A realidade que é descrita nas letras de rap é uma realidade sem nenhuma idealização, sem nenhum toque que a torne menos violenta, a descrição é ‘nua e crua’, diferentemente do que aconteceu com o samba, nos anos 30, em que a descrição da pobreza dos morros era romantizada, em que este aparecia como lugar de pobres, sim, mas de uma pobreza quase idílica, sem que a violência aparecesse como elemento dessa descrição. Da mesma forma como o samba foi a crônica dos subúrbios e morros cariocas dos anos 30-40, o rap é a crônica dos anos 80-90 das periferias dos grandes centros urbanos. Tendo a sua produção voltada para a realidade da periferia, descrevendo seu cotidiano, falando para e por seus moradores, já que o rap aparece como porta-voz dessa periferia.

Diante disso e como suas letras são sempre autobiográficas será possível articular sua entrevista com trechos de algumas de suas músicas. Essa articulação

⁹³ Informação colhida no site da Bsb Criativa. Disponível em: <https://www.facebook.com/bsbcriativa/info?tab=page_info>. Acesso em: 01 jul. 2015. A organização ainda possui um blog: <<https://blogbsbcriativa.wordpress.com/>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

mostrará como seu rap é representativo de sua realidade, bem como também é, de certo modo, representativo da realidade das rappers analisadas no capítulo anterior.

4.1 UMA LIGEIRA BIOGRAFIA

Nascida Verônica Diano Braga filha de mãe solteira, Dona Diana, sua história e sua participação no hip hop tornam-se uma vida só: “eu tento conciliar a minha vida com a música e aí elas viraram uma vida só”. Mudou-se com sua mãe aos dez anos para a cidade Valparaíso do Goiás, mais especificamente para o bairro Parque São Bernardo ou Posto Sete, uma região conhecida no passado como uma zona de prostituição e rota para o tráfico de drogas devido a sua posição e proximidade com a BR 040.

Dona Diana, mãe de Verônica, sempre lhe disse que era possível “viver em um local sem se contaminar” com as coisas ruins do local. Construíram uma casa, que se tornou o orfanato Recanto da Paz e que recebia principalmente as crianças abandonadas pelas prostitutas do bairro. Seguindo os conselhos da mãe - “Olha vai estudar porque é a única coisa que você tem. A gente não tem dinheiro. A gente mora em um local que não é bom.” – “apegou-se” aos estudos e lutou pelo seu sonho de ser professora.

Formada pedagoga em 2003, a cantora totaliza atualmente 13 pós-graduações em seu currículo. Há dois anos, pensa em fazer doutorado, no entanto vê que a instituição ainda não está preparada para receber alguém com seu estilo de vida que acumula várias funções ao mesmo tempo. Como rapper, professora e ativista, viaja o Brasil inteiro para disseminar seu trabalho, o que lhe deixa com tempo limitado para uma atividade acadêmica como o doutorado. Todavia, não descarta essa titulação da sua lista de desejos.

Sobre sua vida, temos alguns trechos interessantes nas músicas de seu primeiro álbum⁹⁴. O encarte do CD traz um pequeno texto sobre si mesma:

Relatos do meu chão

⁹⁴ Álbum intitulado Música para o Povo Brasileiro em Ritmo e Poesia, ou simplesmente MPB-RAP, disponível para download em: <<http://comunidaderapdownload.blogspot.com.br/2013/04/vera-veronika.html>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

Em virtude da má distribuição de renda do meu País – Brasil, fui excluída do meu chão sem chance de reação, natural de Brasília-Distrito Federal com registro geral das cidades dos pioneiros do Planalto Central.

A candanga negra, solteira, com família toda brasileira, com mãe e irmãos sem direito ao tão sonhado teto, fomos expulsos, abandonados e jogados ao relento da ilusão. O pouco que tínhamos não dava para um aluguel decente e a invasão não era pra gente.

E foi no chão de barro vermelho, sem infraestrutura, sem água, sem esgoto, sem luz, sem vizinhança, sem esperança, que fomos acolhidos Entorno de Valparaíso, Parque São Bernardo, antigo posto sete, onde a cada 10 casas nove eram pontos de prostituição, bocas de fumo e degradação. Em meios a tiros e gritos erguemos nosso barraco, hoje uma casa digna considerada por nós o palácio, intitulado Recanto da Paz. O orfanato que acolhe crianças carentes, dando-lhes um futuro descente.

Verônica e sua mãe mudaram-se para Valparaíso de Goiás em 1989, pois não tinham condições financeiras de pagar o aluguel na região administrativa – não explicita qual – que era mais próxima ao Plano Piloto, região central do DF. Traz uma problemática antiga de Brasília: as dificuldades de pessoas de baixa renda em conseguirem estabelecer moradia. Brasília sempre passou por problemas ao lidar com as invasões e com a falta de lugar para alocar os migrantes que aqui chegavam buscando melhores condições de vida.

No novo bairro, conseguiram um lote e, com muito esforço e árduo trabalho, construíram uma casa que posteriormente virou o abrigo “Recanto da Paz”, já citado. A realidade de seu bairro era falta de infraestrutura básica, criminalidade, drogas, prostituição, falta de opções e oportunidades. Contexto comum a outras cidades periféricas de capitais brasileiras. Agora versos das músicas “Mulher” e “Guerreiras” sobre o orfanato e sua mãe Dona Diana:

Mulher

Deus abençoe todas as quebradas e o Recanto da Paz

Lar para crianças abandonadas e mal amadas

E hoje amparadas

Pode crê mãe Diana estou contigo nessa caminhada.

Guerreiras

De uma hora pra outra mudam o tom da vida

Através do sofrimento e das angústias vividas

Sei que clamam uma trilha melhor pros filhos teus
Mãe minha que chora a ver-me chorando
Só ela já sabe o que já passou na gestação
Na falta de um pai, de um pão,
Enfrentou desafios, barreiras, fome, frio, tristeza
Para manter-me de pé
Olho pra trás e vejo o quanto ela perdeu
Mas não se arrependeu da dor.
Graças a Deus tudo ela superou.
(...)
Recanto da Paz uma casa aberta a crianças sem lar,
Sem pai, sem ninguém.
Dona Diana abençoada e amada por todos
Em meio às dificuldades
Falta de grana não deixa a peteca cair
Nem o feijão queimar.
Graças a Deus que inventaram a farinha
Pro tutu render e se multiplicar
Neste lar quantos baterem na porta vão entrar.
[...]
Agradeço em particular
Pela rainha do meu lar
O exemplo mais puro do amor verdadeiro
Que continua a caminhada conosco.

Dona Diana enfrentou várias dificuldades - explicitadas nos versos – como frio, privação de alimentos e suporte de um companheiro para criar sua filha. Diana passou ainda por momentos de tristeza, falta de dinheiro e outros desafios. Não desistiu. Persistiu. É considerada por Vera, o maior exemplo a ser seguido.

Dado todo o sofrimento e angústias que teve, Dona Diana – assim como outras mães de vivências similares – almeja e torce para que sua prole tenha uma

vida melhor que a sua. Aqui encontramos uma justificativa para as motivações de estudo que Dona Diana dirigia à filha.

A vitoriosa Diana criou o “Recanto da Paz” para o acolhimento de crianças desamparadas. É exemplo de lutadora e de amor verdadeiro para Verônika que, inspirada, a ajuda na missão de cuidar dos órfãos do abrigo. Agora juntas continuam lidando com dificuldades, como conciliar a falta de dinheiro com manter a alimentação das crianças. A casa estará sempre aberta para receber qualquer menor abandonado que bata à porta. Há o desejo de Vera em prosseguir com o projeto da mãe.

4.2 OS CAMINHOS SE CRUZAM: VERÔNICA CONHECE O RAP

Desde muito nova, já entendia como era socialmente reconhecida: “Eu por ser negra, mulher, morar num prostíbulo e ter toda essa situação social, eu acabei tendo vários estereótipos em cima de mim né?! E eu nunca aceitei que as pessoas me menosprezassem ou me rebaixassem. Até então, eu não conhecia o rap”. Demonstra confiança e autoestima elevada, tanto que nunca permitiu ser depreciada por ninguém. Ao longo de toda a entrevista é justamente essa a imagem que captei: Vera Verônika é empoderada, segura, alguém completamente satisfeita consigo mesma.

Aqui alguns trechos de sua composição “Heroínas de uma geração”:

Meu pele escura é questão de nobreza
 Pois sou guerreira, mulher negra,
 mãe solteira em meio a pobreza
 conquistando espaços que há tempos
 nos foi negado.

Identifica-se orgulho por sua pele escura e a autointitulação como guerreira. Seus atributos – mulher negra e mãe solteira em meio a pobreza – físicos, econômicos e sociais equivalem a uma parcela da população que acabou sofrendo

certos tipos de injustiças e negação de direitos como, por exemplo, a apropriação de alguns espaços que lhe foram negados.

Como mulher negra, logo compreendeu que passaria por dificuldades múltiplas inclusive situações discriminatórias por sua cor, mas diz ter aprendido com a mãe a importância de ser “guerreira”. Desde nova, sabia que não seria tratada como mulher frágil. Na música citada acima, que gira em torno de opressões oriundas de questões raciais e de gênero, há o seguinte trecho “Nunca fui protegida”. Por isso, uma reflexão de Sueli Carneiro (2005) se mostra pertinente para compreender sua perspectiva de enfrentamento das dificuldades da vida:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estão falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas...(...). Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou mulatas tipo exportação”⁹⁵ (CARNEIRO, 2003, p. 22)

As composições e histórias das rappers do capítulo dois mostram que as mulheres negras realmente, por não serem consideradas frágeis no imaginário social, parecem agregar mais histórias de violências e obstáculos em suas trajetórias que as mulheres brancas ou, pelo menos, mais representa-las em suas letras de música como suas vivências centrais.

Vera acompanhava sua mãe à “Feira da Torre”, onde possuíam uma loja de roupas e lá no ano de 1992 teve seu primeiro contato com o rap por meio do amigo Mc Dino Black. Ele lhe apresentou uma fita cassete com três músicas: Sub-raça, do Câmbio Negro; O homem na estrada, dos Racionais Mc’s; e, outra música do grupo Sistema Negro.

A primeira música a marcou muito e a proporcionou um momento de descoberta de uma nova possibilidade: “Minha vida mudou em menos de seis minutos. Depois de ouvir Câmbio Negro, eu pensei: ‘eu quero isso pra mim! Porque eu não sou uma sub-raça!’ E aí foi quando eu conheci outras meninas que tinham o mesmo pensamento que eu na cidade Ocidental e a gente formou o primeiro grupo

⁹⁵ CARNEIRO, 2005, p. 22.

de rap feminino do DF e Entorno. Porque, até então, tinham mulheres já nessa época, desde 89 tem mulheres no hip hop do DF, mas que faziam back⁹⁶ ou eram namoradas de alguém ou que tava no baile⁹⁷ ou que dançava. Que cantava rap não tinha então eu fui a primeira.”

Nessas duas falas, percebe-se como o rap adentrou em sua vida muito cedo, o que favoreceu para a sua formação identitária como mulher, negra, de condições financeiras limitadas e moradora da periferia⁹⁸. O rap exerce importância crucial à formação identitária de jovens que ingressaram na cultura hip hop muito novas, conforme menciona Magro (2003 apud WELLER, 2005, p. 467):

O grafitti das meninas parecer ser uma expressão da complexidade da experiência de ser mulher, negra, branca, pobre e socialmente excluída na sociedade contemporânea. Produzido e inscrito no centro de Campinas, esse grafitti marca no espaço público os sentimentos de meninas que vivenciam a condição de exclusão social, geracional e de gênero. A arte do grafitti, e a proposta social do movimento hip hop, proporciona a elas elaborações de narrativas de self mais afirmativas de si mesmas.

O rap foi uma alternativa para expressar como se sentia e significava todos os estereótipos aos quais era associada. Atesta ainda a existência de mulheres no hip hop brasileiro desde seu início, mas essa participação de jovens era pequena e associada à ligação que tinham com rapazes hip hoppers. Algo também exposto nas pesquisas de Santos (2011) sobre o hip hop na cidade paulista de Marília⁹⁹. Os homens eram os que exerciam protagonismo e posição de destaque Os homens que ficavam como “personagens principais, como divulgadores de ideias, valores, questionamentos sociais”¹⁰⁰.

⁹⁶ Fazer back = ser backing vocal da banda ou grupo. Back vocal em tradução literal é vocal de fundo. Geralmente profissionais de back vocal cantam refrões das músicas.

⁹⁷ Baile = lazer = festas de rua

⁹⁸ Sobre a ausência de estudos voltados para a importância de culturas juvenis na formação identitária de jovens Weller (2005, p. 471): “Algumas autoras têm criticado a ausência de pesquisas sobre a presença feminina nas culturas ou subculturas juvenis, o papel que esses grupos desempenham na transição da adolescência para a vida adulta e na construção da identidade étnica e de gênero.”

⁹⁹ SANTOS, 2011, p. 2.

¹⁰⁰ SANTOS, 2011, p. 9.

4.3 A RESISTÊNCIA DA GUERREIRA

Entre as meninas que formaram o grupo As Missionárias, que durou até 1997, apenas Vera seguiu carreira. “Por várias dificuldades que você já deve ter ouvido de várias meninas que começam e param. Para por quê? Porque tem que trabalhar. Porque o marido não deixa. Porque precisava cuidar dos filhos.[...] O cara conhece a menina no rap. Acha massa ela cantando. Foi morar junto com ela, ela não pode mais fazer aquilo”.

Sobre sua permanência no rap: “E eu não parei né?! Eu fui a única da minha época que tô ininterrupta. *A primeira e a única que não parou*¹⁰¹. Desde 1992 até hoje. Gravei meu primeiro CD em 2003, primeiro CD independente. Também sou a primeira mulher a gravar um CD independente no Brasil inteiro. [...] E de lá pra cá eu não tenho sido só uma cantora de rap. Eu tenho sido uma *ativista*.”

A entrevistada demonstra muita garra e persistência para permanecer no movimento dado que, ao longo de seus mais de vinte anos de carreira, concluiu curso superior e várias pós-graduações. Além disso, teve uma filha (hoje com 17 anos), continuou ativa no orfanato Recanto da Paz, tornou-se palestrante, trabalhou em diferentes empregos e casou-se.

Há algo muito significativo sobre a permanência das mulheres no hip hop. Weller (2005), durante suas pesquisas de campo sobre o hip hop em Berlim e São Paulo, encontrou poucas meninas formando grupos de rap ou de break e com faixa etária majoritária entre 15 e 20 anos. Havia, entretanto, grande quantidade de homens como b-boys, rappers, grafiteiros e DJ's com uma faixa etária mais ampla entre 11 e 26 anos. Problematiza então:

Com base nesses dados empíricos poderíamos nos perguntar se o pequeno número de grupos femininos ou o curto período de existência dos mesmos está associado ao ingresso das jovens no mercado de trabalho, ao casamento ou à maternidade, impossibilitando-as de continuarem a exercer suas atividades artístico-musicais¹⁰².

Muitas mulheres abandonaram suas carreiras pela desaprovação do marido e pela necessidade de criar os filhos. Para os homens, estes não são motivos

¹⁰¹ As palavras escritas em itálico servem para identificar termos mais enfatizados por Verônica ao longo da entrevista.

¹⁰² WELLER, 2005, p. 475-476.

principais ou fortes o suficiente para abandonarem suas carreiras. Há uma cobrança e uma pressão muito maior sobre a mulher, no que diz respeito à tutela de filhos e aos cuidados de outrem. Enfim, espera-se que as mulheres permaneçam no âmbito doméstico sendo mantenedoras da rotina familiar.

Há uma questão de gênero determinante para a explicação do porquê, ainda hoje, existirem mais homens que mulheres em busca do hip hop e em condições de aí se perpetuarem, realizando-se como protagonistas: ainda perpetua-se a pressão para que as mulheres exerçam a maternidade de forma integral, o que permite aos homens mais momentos para investimento em projetos pessoais. Em alguns casos, como o do falecido rapper Sabotage¹⁰³, os filhos eram motivo para seguir carreira musical buscando sucesso financeiro para sustentá-los. Somado a isso, há toda a gama de desqualificação da mulher que adentra esse espaço, seja como namorada de rappers ou como menos qualificada enquanto autora e cantora.

São argumentos, além de plausíveis e pertinentes sobre a diferença entre homens e mulheres no hip hop, também encontrados nas representações das mulheres no mundo do hip hop, como nas letras das músicas apresentadas no capítulo anterior e no relato da entrevistada. No entanto, são demandados mais estudos ricos e aprofundados em dados empíricos para uma análise mais consistente e densa sobre a temática.

4.4 PROFISSÃO RAPPER

Retornando à trajetória de Vera... Seu início de carreira foi marcado pela ajuda de colegas homens que a ensinavam o que já sabiam de produção musical e convidava seu grupo para abrir shows. Alguns dos colaboradores: “Dino Black, equipe Terra Disco Show, DJ Aclécio, pessoal do Código Penal de Planaltina, na Ceilândia Falso Sistema”.

Do mesmo jeito que existia muitas pessoas que desmereciam as meninas no hip hop, havia algumas poucas pessoas interessadas no sucesso delas. Aqui, nesses momentos de reciprocidade, a relação entre os gêneros masculino e

¹⁰³ Sabotage é considerado um mestre da rima entre rappers do país inteiro. Envolvido com o crime até os 19 anos mudou de vida e decidiu investir em sua música. Foi assassinado em 2003 após o recém lançamento de seu primeiro disco Rap é Compromisso. Ver o documentário Nós sobre a história de Sabotage disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tWQ-kEhtTmA>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

feminino não é de rivalidade, mas de aliança - ambos trabalhando juntos para o desenvolvimento pessoal e do próprio rap. Algo distinto da música “Sem mão na cara” analisada no capítulo anterior em que há animosidade por parte do rapper homem para com a rapper mulher.

Como dificuldades – “de logística” – Vera aponta a difícil imersão nas festas, a locomoção para os shows, a falta de dinheiro para realização de bases... “Conseguir fazer as músicas e fazer com que elas chegassem até as rádios” era o maior obstáculo, pois as rádios cobravam seu “jabá”, preço pago pelo espaço na programação. Precisava pagar para entrar nos bailes, levar sua fita demo e equipamentos como cabos para exercer horas de persuasão até que o DJ da festa tocasse seu trabalho. Tentar disseminar sua arte em tempos em que a internet não era uma opção palpável era um ato de perseverança e criatividade.

Explica porque precisa assumir uma dupla jornada de trabalho como rapper e organizadora pedagógica da fundação Bsb Criativa: “Financeiramente ninguém vive de rap no DF, *infelizmente*. *Todas* as mulheres com quem você vai conversar *têm* um emprego. Porque o rap, *infelizmente*, pra mulher no Distrito Federal *não* É a [principal] fonte de renda”. O rap não proporciona fonte rentável como profissão.

Ou seja, o rap é sinônimo de carreira bem-sucedida financeiramente para poucos. Estes alcançam bons rendimentos econômicos depois de muitos anos na “estrada” e após um reconhecimento nacional acompanhado da venda de muitos discos. É o caso do grupo Racionais MC’s. Ainda há muito a ser conquistado pelo rap como um estilo musical reconhecido e valorizado como tal. Continuam existindo desafios de diferentes âmbitos para o hip hop brasileiro ser possibilidade de mercado de trabalho mais amplo para jovens e adolescentes.

4.5 O RAP, O ATIVISMO E AS MULHERES

Sente-se compelida a continuar seguindo no rap por dois principais motivos: 1) “Eu viajo o Brasil inteiro levando essas experiências [refere-se às suas vivências como rapper, professora e ativista] para que outras mulheres *ou não desistam ou comecem*”; 2) “de lá pra cá eu não tenho sido só uma cantora de rap. Eu tenho sido uma ativista porque as minhas letras retratam a violência contra a mulher, discriminação, direitos humanos... Que é o que a gente vive até hoje né?! Principalmente na periferia. Você pode até não tá na mesma periferia que era. Mas

se você parar pra pensar quem morre é o jovem negro de periferia, a mulher que apanha é a mulher negra porque a mulher branca, ela não se declara, ela não vai na delegacia contar que apanhou. Então são *várias* situações que ainda me motivam a continuar na cultura hip hop”.

Acha necessário lutar contra opressões como racismo, machismo, desigualdade social e qualquer outra forma de opressão que afeta principalmente moradores de regiões periféricas de grandes cidades. Percebe-se como um bom exemplo para as mulheres do hip hop. De certa forma, a sua história pode ser representativa de tantas outras minas do movimento.

Prossegue desenvolvendo sobre sua responsabilidade como rapper ativista: “Eu gosto de falar pra quem precisa ouvir. Eu vislumbro que o meu rap alcance quem ele precisa alcançar! Que é o povo da periferia. Por isso o meu maior público são pessoas presas, jovens do sistema socioeducativo, estudantes de ensino médio... A cultura hip hop tem que ser instrumento para a transformação social, a transformação da realidade das pessoas. Eu preciso fazer alguma coisa em que eu acredite! Não tem como não viver o rap 24 horas por dia”.

Percebe-se a importância dada pela rapper em viver o movimento de forma “verdadeira” e intensa. “Respirando” rap o dia todo durante todos os dias. Ser do hip hop é vincular-se politicamente diante de uma realidade, no caso a da periferia, e agir visando mudar o que considerar necessário. Identifica-se em seu discurso categorias como atitude hip hop, transformação, mudança, modelo a ser seguido, motivação... Todas classificações já tratadas como importantes para outros participantes do movimento que acreditam que ser do hip hop ultrapassa o compartilhamento de uma preferência por um estilo musical.

O hip hop, para ela e outros/as adeptos/as, é uma “filosofia de vida”, uma forma de existir e resistir no ambiente urbano, o qual pode ser gerador de mudança pessoal e social. Rosa (2006) fala sobre o caráter pedagógico do rap:

Esse caráter pedagógico do rap brasileiro confere-lhe a capacidade de deslocar as posições fixas do sistema social criticado, mas não só estas. Em um mesmo movimento, ele critica também o sistema social de onde se originou, por isso o rap pode se converter em um potencializador da revisão da conduta pragmática da comunidade onde se desenvolve.

Para a pergunta “como é ser mulher no rap?” obtive a seguinte resposta: “Eu não me sinto mulher no rap. Eu me sinto *a mulher* do rap. Eu me sinto assim. Porque *a maioria* das meninas que cantam que vem falar comigo é como se elas tivessem vindo *em mim* uma possibilidade da *continuidade* do trabalho delas e isso pra mim é *muito gratificante*. [...] *Eu abri portas*. Isso pra mim é *muito importante*. Essa coisa não é um título, *é o que aconteceu com toda* a minha geração. Não só as que cantam, as b-girls, as DJ’s, as grafiteiras e a gente fala que o hip hop tem o quinto elemento que é o conhecimento né?! Tem *muitas mulheres* aqui no Distrito Federal que não cantam que não escrevem e que movimentam o hip hop. Você tá movimentando o hip hop quando você tá divulgando ele, a Jaqueline quando ela tá fazendo o festival latinidades e leva o rap pra cantar e as meninas pra dançar também tá movimentando. Tem muitas jornalistas em Brasília que movimentam o rap. Então, assim, são muitas mulheres em prol de alguma coisa. Ser mulher do rap é ser ativista todos os dias.”

Novamente, percebe-se como a entrevistada se enxerga: como representante de uma geração de mulheres que, com muito esforço e luta, propiciaram mudanças e uma situação mais favorável para a presença de outras mulheres da “nova geração” na cultura hip hop. Vera Verônika posiciona-se como figura que permite a construção de projeções futuras positivas de outras mulheres que trabalham com rap. É o “exemplo vivo” da possibilidade de manter-se fiel ao hip hop e a todos seus valores e compromissos políticos, sociais e ideológicos. É deixar de ser passivo diante do que a sociedade te diz sobre você mesmo e sua realidade e tornar-se sujeito ativo dotado de voz e capaz de alterar seu cotidiano. É tornar-se dono de si mesmo(a) e agente do próprio destino.

Finalizo o capítulo nas palavras da própria guerreira: “ser do Movimento Cultural Hip Hop é muito mais do que se expressar pelos elementos desta cultura é se reconhecer como agente de mudança e transformação da sua própria realidade e poder interferir mesmo que minimamente na realidade de outrem através do seu discurso poético, sua dança de rua, sua pintura em muros ou sua música ensurdecidora. Acredito na revolução através da palavra, por isso canto e vivo rap, sou heroína da minha geração e continuo na caminhada por dias melhores para juventude”¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Trecho de um texto autoral que Verônika compartilhou comigo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto pela pesquisa é possível afirmar que o hip hop no DF continua sendo ambiente sexista e machista. Apesar disso, parece mais promissor para seguidoras do sexo feminino do que outros estados brasileiros. Logo, ser compositora de rap e MC é tarefa permeada por obstáculos diários. Escolher permanecer na cultura hip hop é uma posição política de resistência aos padrões sociais hegemônicos.

O rap no DF mostra-se representativo da diversidade de mulheres jovens existentes na cidade. Há grande pluralidade de mulheres e de artistas femininas produzindo rap e realizando outras ações que favoreçam a divulgação e a perpetuação do movimento hip hop candango. As letras analisadas mostram que não é possível perpetuar uma única representação de mulher em nossa sociedade. Essa tentativa masculina de padronizar as mulheres e seus comportamentos é inverossímil com a vivência das diferentes mulheres que existem.

De forma geral, as rappers criam imagens mais positivas sobre si mesmas e sobre pessoas do sexo feminino. Elas assumem, agora, representações de pessoas bem resolvidas consigo mesmas, perseverantes, confiantes, inteligentes, líderes, trabalhadoras, independentes, combativas e a representação mais importante: a de pessoas detentoras de direitos e que por estes elas vão à luta. Em médio e longo prazo, as novas integrantes do movimento, que escutam suas pares, parece que serão mulheres mais empoderadas e capazes de utilizar o movimento como forma de transformação social.

No capítulo dois, as proposições sobre as três fases da presença de mulheres no hip hop podem ser articuladas com os dados trazidos por Vera Verônica no capítulo três. Primeiramente a tímida existência de mulheres no hip hop e sua invisibilidade. A muito custo, temos um novo cenário, em que as mulheres se aproximavam de práticas masculinas para poderem cantar e serem ouvidas, sem serem erotizadas. Atualmente, na terceira fase, as mulheres voltam a utilizar roupas consideradas “de mulheres” - roupas mais justas e decotadas, coloridas e brilhosas – como forma de “resgatarem sua feminilidade” e transmitirem a mensagem “sou mulher sim, posso ser feminina e atuar no hip hop”. Não há mais negação como seres dotados de sexualidade. Ao contrário, há uma afirmação como mulher detentora de desejos sexuais.

A atual situação tecnológica – como o acesso à internet e softwares de música – contribui para que mulheres de diferentes camadas sociais possam produzir e propagar seus trabalhos musicais e artísticos, caso assim queiram. Isso torna a busca por melhores condições de vida uma possibilidade concreta, palpável. É importante que figuras como Vera Verônica ganhem maior visibilidade para servirem de modelo a pessoas que passam por circunstâncias de vida parecidas em suas quebradas. Ela pode servir para motivar e inspirar outras mulheres, principalmente as negras e periféricas que são as que mais sofrem com as desigualdades estruturais brasileiras.

Apesar do movimento reproduzir papéis de gênero vigentes na sociedade brasileira, também é um meio favorável para mudanças – ainda que estas apareçam de modo tímido. Ao viabilizar empoderamento para mulheres que se consideram sem voz torna-se âmbito auspicioso para jovens que estão sem perspectivas otimistas em seus grupos sociais de origem. Esse empoderamento passa a ser possível, agora que essas mulheres já acessam no imaginário social da cultura hip hop uma quantidade maior de representações sociais do que é "ser mulher" dentro do movimento. Essas novas representações sociais equivalem a novas opções de como agir e existir no hip hop.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** Edições UNESCO Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. 198 p.

CARNEIRO, Sueli. *Ennegrecer al feminismo La situación de la mujer negra em América Latina desde uma perspectiva de gênero.* In: CURIEL, Ochy; FALQUET, Jules; MASSON, Sabine. *Nouvelles Questions Féministes. Feminismos disidentes*, Vol. 24, N. 2, Edición especial en castellano América Latina y el Caribe, Ediciones fem-e-libros, 2005. Disponível em: <www.creatividadfeminista.org>. Acesso em: 01 jul. 2015.

DEVESE, Eloisa. Balé de Rua. **Caros amigos especial**, N. 3: Movimento Hip Hop, Set. 1998. p.27-28.

GEREMIAS, Luiz. **A fúria negra rescussita: as raízes subjetivas do hip hop.** 2006. 156 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social, Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/geremias-luiz-furia-negra-ressuscita.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

LASNEAUX, Carina; SATÃO, Gilmar. **HIP HOP, Histórias da Capital.** Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado) – Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

PIMENTEL, Spensy. **O Livro Vermelho do Hip Hop.** Disponível em: <http://www.bocadaforte.com.br/acervo/site/?url=biblioteca_detalhes.php&id=12>. Acesso em: 28 jun. 2015.

RAMOS, Silvia; MUSUMECI, Leonarda. Os jovens e a polícia. In: RAMOS, Silvia; MUSUMECI, Leonarda (Orgs.). **Elemento Suspeito: Abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro.** 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Cap. 02, p. 71-100.

ROSA, Waldemir. **Homem preto do gueto: um estudo sobre a masculinidade no rap brasileiro.** 2006. 90 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasília, 2006.

SANTOS, Sandra Mara Pereira dos. Relação de Gênero no Cenário Musical do Rap no Brasil.. In: **I Seminário Internacional Gênero, Sexualidade e Mídia: olhares plurais para o cotidiano.** Bauru, 2011. Produzido pela coordenação do Seminário: G.T.: Mídia, Cotidiano e Gênero (ISBN: 22373551), 2011. v. I. p. 1-19, CD-ROM.

SPINK, Mary Jane P.. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 9, n. 3, p. 300-308, set. 1993 . Disponível em <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 jul. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300017>.

TAVARES DO SANTOS, José Vicente. A agonia da vida: mortes violentas entre a juventude do país do futuro. In: CRUZ, Marcos V.G.; BATITUCCI, Eduardo C. (Orgs.). **Homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro, 2007, p. 11-24.

TAVARES, Breitner Luiz. **Na quebrada, a parceria é mais forte**: juventude hip-hop: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal. 2009. xiv, 323 f.: Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, Brasília, 2009.

TAVARES, Breitner. Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal. **Soc. Estado**, Brasília , Vol. 25, n. 2, p. 309-327, Aug. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 jun. 2015.

TAVARES, Breitner. Música popular rap: a rima da guerreira. **Latitude**, Maceió, Vol. 6, n. 1, p. 83-104, jun. 2012. Semestral. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/viewFile/856/557>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

TOCHA, Daniel. **História da Cultura Hip Hop**. 2006. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/historia-da-cultura-hip-hop>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: A arte de se tornar visível. **Estudos Feministas**, Florianópolis, Vol. 13, n. 1, 2005.